

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

ALLYNE GARCIA BISINOTTO

O alçamento das vogais médias pretônicas: um estudo do falar Ituiutabano

Uberlândia
2011

ALLYNE GARCIA BISINOTTO

O alçamento das vogais médias pretônicas: um estudo do falar Ituiutabano

Dissertação apresentada ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Cursos de Mestrado e Doutorado, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa 1: Teorias e análises linguísticas – estudos sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Orientador: Dr. José Sueli de Magalhães

Uberlândia
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

T398u Bisinotto, Allyne Garcia, 1983-
2011 O alçamento das vogais médias pretônicas: um estudo do falar
Ituiutabano / Allyne Garcia Bisinotto. - Uberlândia, 2011.
118 f. : il.

Orientador: José Sueli de Magalhães.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

1. Linguagem popular – Ituiutaba (MG) - Teses. 2. Língua
portuguesa - Variações - Teses. 3. Linguística – Estudo e ensino – Teses. I.
Magalhães, José Sueli de. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa
de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

ALLYNE GARCIA BISINOTTO

O alçamento das vogais médias pretônicas: um estudo do falar Ituiutabano

Dissertação apresentada ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Curso de Mestrado e Doutorado, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa 1: Teorias e análises linguísticas – estudos sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Orientador: Dr. José Sueli de Magalhães

Uberlândia, 31 de maio de 2011

Banca Examinadora

Profª. Dra. Gisele da Paz Nunes – UFG

Profª. Dra. Simone Azevedo Floripi – UFU

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães – UFU

Orientador

A Deus, que me capacitou na realização desta pesquisa;

Ao professor Dr. José Sueli de Magalhães, meu orientador,
pelo incentivo, confiança e credibilidade em mim
depositados;

Aos informantes da pesquisa – sem eles não seria possível
chegar até aqui;

Aos meus pais, Hélio (*in memoriam*) e Maria José, pelo amor
incondicional e apoio em minhas escolhas;

À minha amiga e colega de mestrado, Lícia Mara, por me
confortar nos momentos de angústia e por ter feito de sua
casa uma extensão da minha, quando estava em Uberlândia;

À minha sobrinha/afilhada, Eduarda Alessandra, por nascer
nesse período e ser mais um motivo de felicidade em minha
vida;

Ao Valteídes, meu “tt”, pelo amor, paciência,
companheirismo, lealdade e incentivo,

Dedico esta dissertação.

AGRADECIMENTOS

Minha admiração e respeito ao professor Dr. José Sueli de Magalhães, a quem agradeço pelos ensinamentos, paciência, dedicação e por ter me dado a oportunidade de crescer intelectualmente.

Aos informantes desta pesquisa, os quais me confiaram parte de suas histórias e transformaram-se em instrumentos do aprender.

Às professoras Dra. Maura Alves de Freitas Rocha e Dra. Angélica Terezinha do Carmo Rodrigues, pelos valiosos apontamentos durante a qualificação.

Aos amigos e inesquecíveis colegas de mestrado, Leonardo Felice, Dayana Rúbia, Ana Carolina Garcia, Fernanda Spoladore, Sheyla Helena Damasceno, Aline Segate, Wiliana Dias, Fernando Lima, Lícia Mara, Giovanni de Paula, Lauro Luiz e Luciene Braga, por se disponibilizarem a compartilhar vida em meio à aprendizagem.

À Fernanda Alvarenga e ao Giovanni de Paula, pela importante ajuda com o Programa *Goldvarb*.

À Giuliana Ribeiro, Dayana Rúbia e Giovanni de Paula, pela revisão textual deste trabalho.

Ao meu pai Hélio (*in memoriam*), pelo amor incondicional e apoio permanente em minhas decisões e escolhas até os últimos instantes de sua vida. Obrigada, pai, por me acompanhar nesta jornada até onde Deus permitiu. Saudades.

À minha mãe, Maria José, pelo amor incondicional, paciência e companheirismo. Obrigada, mãe, por sempre estar ao meu lado.

Ao Valteídes, meu “tt”, por existir em minha vida. Obrigada por ser um exemplo de coragem, perseverança, maturidade e fazer-me seguir avante.

Aos irmãos que escolhi, Jânio Cláudio e Giuliana Ribeiro, por compartilharem comigo a espera ansiosa pela conclusão deste trabalho. Obrigada por existirem.

À Carine Gonçalves, à Juliana Marques e à Flávia Arantes, pela amizade.

Aos meus familiares e em especial ao meu irmão Alexandre, por compartilharem esta vida comigo.

A todos aqueles que contribuíram para a realização desta pesquisa.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi descrever o alçamento das vogais médias pretônicas no falar de Ituiutaba, Minas Gerais. Utilizamos a metodologia variacionista laboviana, a qual nos deu suporte necessário para investigar e sistematizar a variação de uma comunidade linguística. O *corpus* foi constituído por 2143 ocorrências de vogais médias pretônicas, sendo 1514 realizações da vogal /e/ e 629 da vogal /o/. Essas vogais foram analisadas em nomes com estruturas CV, CVC e CVN a partir das 24 entrevistas realizadas. Os informantes da pesquisa foram estratificados por: sexo; faixa etária; escolaridade; nascidos na zona urbana de Ituiutaba ou terem chegado até os cinco anos de idade nessa cidade. Além das variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e escolaridade), estabelecemos como variáveis linguísticas: distância da sílaba tônica; tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica (aberta, fechada); vogal precedente à vogal média pretônica; vogal da sílaba tônica; contexto fonológico precedente ponto de articulação (labial, coronal, dorsal) e modo de articulação (contínuo e não contínuo); e, por fim, nasalidade. Após as análises estatísticas computadas pelo *software Goldvarb*, os contextos favorecedores para o alçamento de /e/ foram: vogal alta na sílaba tônica; consoantes não contínuas em contexto seguinte; consoantes dorsais em contexto seguinte; vogal média pretônica na sílaba inicial; consoantes labiais em contexto precedente e distância 1 da sílaba tônica. Os contextos que favoreceram o alçamento de /o/ foram: sílaba aberta; vogal média baixa e alta na sílaba tônica; vogal média pretônica na sílaba inicial; distância 1 da sílaba tônica; consoantes não contínuas em contexto precedente; consoantes labiais e coronais em contexto precedente; consoante labial em contexto seguinte. As variáveis extralinguísticas não foram favorecedoras ao alçamento das vogais médias pretônicas, pois o fenômeno não foi estigmatizado entre os indivíduos.

Palavras-chave: alçamento; vogal média pretônica; metodologia variacionista.

ABSTRACT

The research aimed to describe raising of pretonic mid vowels in Ituiutaba-MG speech. We use the Labovian methodology which gave us needful base to investigate and systematize the variation of a linguistic community. The corpus was composed 2143 instances of pretonic mid vowels (1514 realizations of the vowel /e/ and 629 of the vowel /o/). These vowels were analyzed in nouns with structures CV, CVC and CVN from 24 interviews realized. The informants of the study were stratified by gender, age and educational level. They must be born in an urban area or they must have arrived in this area until five years old. In addition, the extra-linguistic variables (gender, age and educational level), we established as linguistic variables: distance from the stressed vowel, syllable type that occurs the pretonic mid vowel (open, closed), the preceding vowel to pretonic mid vowel, the vowel of the stressed syllable, preceding phonological context – place of articulation (labial, coronal, dorsal) and manner of articulation (continuous and not continuous), and nasality. After statistical analysis computed by the *Goldvarb software*, the favoring contexts to the raising of /e/ were: high vowel in the stressed syllable, not continuous consonants in the following context, dorsal consonants in the following context, pretonic mid vowel in initial syllable, labial consonants in the preceding context and distance 1 from the stressed syllable. The contexts favored the raising of /o/ were: open syllable, high mid vowel and low vowel in stressed syllable, pretonic mid vowel in the initial syllable, distance 1 from stressed syllable, no continuous consonants in preceding context, coronal and labial consonants in preceding context and labial consonant in the following context. The extra-linguistic variables were not favoring to raising of pretonic mid vowels because the phenomenon was not stigmatized among individuals.

Keywords: Raising; Pretonic mid vowel; Variational methods.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa do Brasil: Divisão dos falares do Português Brasileiro segundo Nascentes (1953).....	30
FIGURA 2 – Sistema vocálico do Português Brasileiro na posição tônica.....	31
FIGURA 3 – Sistema vocálico do Português Brasileiro na posição pretônica.....	32
FIGURA 4 – Sistema vocálico do Português Brasileiro na posição postônica.....	32
FIGURA 5 – Sistema vocálico do Português Brasileiro na posição final.....	33
FIGURA 6 – Mapa das microrregiões de Minas Gerais.....	54
FIGURA 7 – Mapa da Microrregião Triângulo Mineiro e localização de Ituiutaba.....	54
FIGURA 8 – Mapa urbano de Ituiutaba, Minas Gerais.....	55

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Distribuição dos informantes por etnia e sexo.....	36
QUADRO 2 – Para a variável e – ocorrência de alçamento.....	49
QUADRO 3 – Para a variável o – ocorrência de alçamento.....	50
QUADRO 4 – Estratificação por sexo, escolaridade e faixa etária.....	59
QUADRO 5 – SEXO FEMININO – Distribuição dos informantes.....	60
QUADRO 6 – SEXO MASCULINO – Distribuição dos informantes.....	60
QUADRO 7 – Variáveis linguísticas favorecedoras ao alçamento de /e/ e de /o/.....	109
QUADRO 8 – Variáveis extralinguísticas.....	109

LISTA DE TABELAS

Dados de /e/

TABELA 1 – Classificação das alterações vocálicas e consonantais segundo Labov.....	25
TABELA 2 – Resultado total do alçamento das vogais médias pretônicas.....	72
TABELA 3 – Estatística sobre o alçamento da vogal média pretônica /e/ no Brasil.....	73
TABELA 4 – Estatística sobre o alçamento da vogal média pretônica /o/ no Brasil.....	74
TABELA 5 – Vogal da sílaba tônica.....	77
TABELA 6 – Vogal da sílaba tônica sem os itens <i>sinhora</i> e <i>simestre</i>	78
TABELA 7 – Contexto fonológico seguinte: modo de articulação	79
TABELA 8 – Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação	81
TABELA 9 – Vogal média pretônica na sílaba inicial	82
TABELA 10 – Contexto fonológico precedente: ponto de articulação.....	83
TABELA 11 – Distância da sílaba tônica	84
TABELA 12 – Faixa etária.....	85
TABELA 13 – Sexo.....	86
TABELA 14 – Grau de escolaridade.....	87
TABELA 15 – Nasalidade	89
TABELA 16 – Tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica	90

Dados de /o/

TABELA 17 – Tipo de sílaba.....	93
TABELA 18 – Vogal da sílaba tônica.....	94
TABELA 19 – Vogal média pretônica na sílaba inicial	96
TABELA 20 – Distância da sílaba tônica.....	97
TABELA 21 – Contexto fonológico precedente: modo de articulação.....	98
TABELA 22 – Contexto fonológico precedente: ponto de articulação.....	99
TABELA 23 – Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação.....	100
TABELA 24 – Faixa etária.....	102
TABELA 25 – Sexo.....	103
TABELA 26 – Grau de escolaridade.....	104
TABELA 27 – Contexto fonológico seguinte: modo de articulação.....	105
TABELA 28 – Nasalidade.....	106

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 APORTES TEÓRICOS.....	19
2.1 Neogramáticos e Difusionistas.....	19
2.1.1 Neogramáticos.....	20
2.1.2 Difusionistas.....	23
2.4 Vogais do Português Brasileiro.....	30
3 METODOLOGIA.....	51
3.1 Tipo de pesquisa e modelo de experimento.....	51
3.1.1 Sociolinguística Variacionista.....	52
3.2 Contexto da pesquisa.....	53
3.2.1 Área geográfica de Ituiutaba.....	53
3.2.2 Ituiutaba.....	55
3.3 Definição das variáveis.....	61
3.3.1 Variável dependente.....	61
3.3.2 Variáveis independentes.....	61
3.3.2.1 Variáveis linguísticas.....	62
3.3.2.1.1 Distância da tônica.....	62
3.3.2.1.2 Tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica.....	62
3.3.2.1.3 Vogal da sílaba precedente.....	62
3.3.2.1.4 Vogal da sílaba tônica.....	63

3.3.2.1.5 Contexto fonológico precedente.....	63
3.3.2.1.6 Contexto fonológico seguinte.....	64
3.3.2.2 Variáveis extralinguísticas.....	65
3.3.2.2.1 Sexo: feminino e masculino	65
3.3.2.2.2 Faixa etária: 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima 49 anos	65
3.3.2.2.3 Grau de escolaridade	66
3.4 Coleta, codificação dos dados e o <i>software Goldvarb</i>	66
3.4.3 O <i>software Goldvarb</i>	69
4 ANÁLISE ESTATÍSTICA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	72
4.1 O alicamento da vogal média /e/	76
4.1.1 Variáveis linguísticas favoráveis.....	77
4.1.1.1 Vogal da sílaba tônica.....	77
4.1.1.2 Contexto fonológico seguinte: modo de articulação	79
4.1.1.3 Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação	80
4.1.1.4 Vogal média pretônica na sílaba inicial.....	82
4.1.1.5 Contexto fonológico precedente: ponto de articulação	83
4.1.1.6 Distância da tônica	84
4.1.3 Variáveis desfavoráveis para o alicamento de /e/.....	85
4.1.4 Conclusão sobre o alicamento de /e/ no falar Ituiutabano.....	90
4.2 O alicamento da vogal média /o/	92
4.2.1 Variáveis linguísticas favoráveis.....	93
4.2.1.1 Tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica da vogal /o/	93
4.2.1.2 Vogal da sílaba tônica.....	94
4.2.1.3 Vogal precedente à vogal pretônica.....	95
4.2.1.4 Distância da sílaba tônica	97
4.2.1.5 Contexto fonológico precedente: modo de articulação	97
4.2.1.6 Contexto fonológico precedente: ponto de articulação	99

4.2.1.7 Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação	100
4.2.2 Variáveis desfavoráveis para o alçamento de /o/.....	101
4.2.3 Conclusão sobre o alçamento de /o/ no falar Ituiutabano.....	106
5 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICES	114
APÊNDICE A – Ficha Social.....	114
APÊNDICE B – Questionário para entrevista livre	114

1 Introdução

Sabemos que as línguas apresentam variações fonéticas, fonológicas, morfológicas e sintáticas, isto é, falantes de uma dada língua ou dialeto podem realizar escolhas entres sons, vocábulos ou estruturas. No Português Brasileiro (doravante PB), encontram-se variações, por exemplo, entre a realização das vogais médias pretônicas como em *pepino* ~ *pipino*; entre os pronomes *você* e *tu*; alternância entre os pronomes *nós* e *a gente* (o *a gente* usado com sentido de pronome); concordância nominal *os meninos/os menino*; dentre outras. Tais fenômenos linguísticos revelam que essas variações não são baseadas apenas em critérios puramente linguísticos, mas em uma combinação de vários fatores, tais como regionais, sociais, histórico-temporais, sexo, faixa etária, dentre outros.

Vários estudos para análise da variabilidade dos falares existentes no Brasil e no mundo têm sido realizados. Nesse sentido, de forma mais específica, importantes pesquisas concernentes à Fonologia têm sido desenvolvidas, pois é nessa esfera da Linguística que a língua é analisada de modo a explicar a organização dos sons, possibilitando, assim, a interpretação de seus padrões e suas variações.

No presente trabalho, destacamos a variação das vogais médias pretônicas, pois esse é um dos fenômenos que também mostra a pluralidade linguística e cultural existente no Brasil. Por exemplo, as vogais médias pretônicas, predominantemente, são realizadas de forma aberta em algumas regiões do Norte e Nordeste do país, enquanto nas regiões do Sul e Sudeste essas vogais variam em forma fechada e alçada. Tendo isso em vista, os estudos sobre vogais

médias pretônicas têm revelado argumentos consideráveis não somente na esfera da Fonologia, mas também em sua inter-relação com outros níveis da gramática.

A variabilidade das vogais médias pretônicas é observada desde 1953, nas análises realizadas por Antenor Nascentes. Em seu trabalho, esse pesquisador dividiu o país em seis subfalares incorporados em dois grupos: Norte e Sul. Esse trabalho será retomado no capítulo dos aportes teóricos.

Nas últimas décadas, essa variação, o alçamento de vogais pretônicas, foi objeto de estudos em Mota (1979), Bisol (1981), Freitas (2001), Viegas (1987, 2001), Célia (2004), Viana (2008), entre outros.

Tendo em vista esse comportamento linguístico notável no PB, considerando que trabalhos de natureza sociolinguística e variação fonológica não foram ainda realizados no Pontal do Triângulo Mineiro, e por observar que, no falar dessa região, na realização das vogais médias pretônicas o alçamento é variável, o estudo proposto tornou-se de grande relevância; uma vez que os fenômenos fonético-fonológicos estão relacionados principalmente ao sistema vocálico. Viegas (inédito *apud* ALMEIDA, 2008) ressaltou a importância de estudar a variação das vogais médias pretônicas no Brasil e, especialmente, as variações linguísticas em Minas Gerais:

Várias divisões dos falares do Brasil, e de Minas, existentes nos dias atuais consideram a pronúncia das vogais antes da sílaba tônica da palavra (m~~o~~derno, m~~o~~derno ou m~~u~~derno) como fator fundamental para a divisão das maneiras de falar do Brasil. Assim, o estudo dessas vogais parece ser de fundamental importância para desvendar o “mistério” que envolve as variações do português nas diversas regiões do Brasil. [...]

Assim, podemos dizer que encontramos em Minas variações que estão presentes em grande parte do Brasil. Como consequência, se estudarmos a fala das diversas regiões de Minas, estaremos estudando a fala de grande parte do Brasil – essa é uma característica importante do Estado. Esse é, portanto, um Estado-chave para os estudos da variação linguística do português do Brasil. (VIEGAS, inédito *apud* ALMEIDA, 2008, p. 26).

Este trabalho, portanto, teve como **objetivo principal** descrever o alçamento das vogais médias pretônicas dos nomes (substantivos e adjetivos) no falar da comunidade urbana de Ituiutaba, localizada no Pontal do Triângulo Mineiro. Delimitamos os nomes para esta pesquisa, porque são passíveis de derivação. A metodologia em que se baseia esta pesquisa analítico-descritiva é da Sociolinguística Variacionista, encontrada em Labov (2008)¹. Utilizamos também argumentos neogramáticos e difusionistas para a explicação de fenômenos linguísticos encontrados em nossos dados. A pesquisa apresentou uma análise empírica, sustentada por dados quantitativos que possibilitaram a sistematização das variações linguísticas.

Diante disso, buscamos respostas para as seguintes perguntas:

- Qual é a fotografia linguística do falar Ituiutabano, observando-se o alçamento de /e/ e de /o/ como variável?
- Qual das vogais em estudo, /e/ ou /o/, sofre mais alçamento?
- Que variáveis extralinguísticas, entre faixa etária, grau de escolaridade e sexo, favorecem o alçamento pretônico no falar Ituiutabano?

Dado que muitos estudos sobre as vogais pretônicas do PB são explicados tanto pela hipótese neogramática quanto pela hipótese difusionista, acreditamos que, no falar Ituiutabano, essas hipóteses puderam estar em aliança para a análise do fenômeno delimitado.

Como apresentado, este trabalho pautou-se em um estudo de variação fonológica. Desse modo, a pesquisa perseguiu os seguintes objetivos específicos:

- descrever a realidade fonético-fonológica atual dessa cidade no que tange ao alçamento das vogais médias pretônicas;
- identificar e descrever os ambientes linguísticos e extralinguísticos que favorecem e desfavorecem o alçamento;

¹ Versão traduzida do original de 1972.

- descrever e discutir os dados computados pelo programa de análise estatística *Goldvarb*.
- testar as conclusões de Bisol (1981) e Viegas (1987) sobre o alçamento das vogais médias pretônicas com os dados da fala de Ituiutaba;

Esta dissertação organiza-se em 5 capítulos, sendo que o capítulo 1 corresponde à **Introdução**, em que se encontram os objetivos, a justificativa e as questões de pesquisa.

No capítulo 2, **Aportes Teóricos**, abordamos as hipóteses neogramáticas e difusionistas, discutimos os estudos clássicos das vogais do PB e, por fim, resenhas de alguns estudos sobre as vogais médias pretônicas no Brasil.

No capítulo 3, **Metodologia**, expomos o tipo de pesquisa e modelo de experimento da pesquisa, uma explanação sobre a Sociolinguística Variacionista, o contexto da pesquisa, a constituição do *corpus*, definimos as variáveis linguísticas e extralinguísticas e apresentamos uma breve descrição do *software Goldvarb*.

No capítulo 4, **Análise estatística e discussão dos resultados**, discutimos os resultados estatísticos analisados pelo programa *Goldvarb*, comparamos esses resultados a outros realizados encontrados no Brasil, principalmente com os estudos de Bisol (1981) e Viegas (1987), e descrevemos o alçamento de /e/ e de /o/ em seções separadas.

No capítulo 5, **Conclusão e Considerações Finais**, apresentamos as principais conclusões da descrição do alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no falar Ituiutabano.

2 Aportes Teóricos

Neste capítulo, apresentaremos os aportes teóricos que fundamentaram esta pesquisa. As seções estão divididas em: Neogramáticos e Difusionistas; Vogais do Português Brasileiro; Principais estudos sobre vogais médias pretônicas no Brasil. Sendo assim, faremos inicialmente um panorama geral sobre as hipóteses Neogramáticas e Difusionistas, respectivamente. Esses postulados contribuíram consideravelmente para os estudos de variação e mudança linguística. Na seção adiante, Vogais do Português Brasileiro, abordaremos os estudos clássicos sobre as vogais no PB. Por fim, apresentaremos estudos importantes referentes às vogais médias pretônicas realizados no Brasil.

2.1 Neogramáticos e Difusionistas

Muitas pesquisas variacionistas abordaram a variação linguística no nível fonológico utilizando duas hipóteses concorrentes para explicar o fenômeno linguístico: neogramática e difusionista. Essas hipóteses diferem-se, basicamente, na visão de como a mudança ou variação sonora propaga-se. Para esta pesquisa, acreditamos, inicialmente, que o fenômeno em estudo pautou em explicações tanto à hipótese neogramática quanto à hipótese difusionista, pois, segundo Bisol:

as duas regras de mudança, a neogramática e a difusionista, são passíveis de figurarem em gramáticas sincrônicas seja com mudança em andamento seja como variação estável. [...] ambas têm o comprometimento com o sistema,

embora o procedimento de atuação de uma e outra seja diferente. (BISOL, 2009, p. 74).

2.1.1 Neogramáticos

As discussões acerca das mudanças ocorridas nas línguas não são um assunto novo, porém, ainda têm causado muitas especulações entre linguistas. No século XVIII, estudiosos valeram-se de correspondências sonoras entre as línguas com o intuito de encontrarem parentescos que relacionassem as línguas visando ao restabelecimento da proto-língua. Esses estudiosos, os comparativistas, acreditavam que as línguas tinham afinidades genealógicas.

Foi a partir dos estudos comparativistas que, em 1847, surge a hipótese neogramática com os alemães Hermann Ostoff, Karl Brugmann e Hermann Paul. Esses jovens gramáticos, *junggrammatike*, diante das evidências de mudança linguística e influenciados pelas ciências naturais, especialmente por Darwin e Newton (que postularam leis físicas e químicas), procuravam definir leis que governassem os processos de mudança a que as línguas naturais submetem-se. Defendiam que *toda mudança sonora, na medida em que ocorre mecanicamente, realiza-se de acordo com leis que não admitem exceção* (OSTHOFF AND BRUGMANN, 1878 *apud* LABOV, 2010)². Nesta hipótese, Bloomfield (1933 *apud* LABOV, 2010) interpretou os postulados neogramáticos considerando que:

Mudança sonora é meramente uma mudança na maneira que os falantes produzem e, por conseguinte, afeta um fonema a cada ocorrência independentemente da natureza de qualquer forma linguística particular que cada fonema apareça [...] Toda essa suposição pode ser brevemente colocada nessas palavras: *fonemas mudam*. (BLOOMFIELD, 1933, p. 353-4 *apud* LABOV, 2010, p. 260).³

2 *every sound change, inasmuch as it occurs mechanically, takes place according to laws that admit no exception.*

3 *Sound-change is merely a change in the speakers' manner of producing phonemes and accordingly, affects a phoneme at every occurrence, regardless of the nature of any particular linguistic form in which the phoneme happens to occur [...] The whole assumption can be briefly put into the words: 'phonemes change'.*

Os neogramáticos, por sua vez, passaram a analisar os ambientes fonéticos de uma mudança sonora, como: os contextos precedente e seguinte; a posição do som na palavra; e se o som era átono ou tônico. Segundo esses estudiosos, se um som era afetado pela mudança fonética, conseqüentemente todas as palavras com aquele fonema também alterar-se-iam, sem exceção, ou seja, *a mudança sonora é foneticamente gradual e lexicalmente abrupta*. Nesse sentido, Saussure argumentou:

[...] a mudança fonética não afeta as palavras e sim os sons. O que transforma é um fonema; sucesso isolado, como todos os sucessos diacrônicos, mas que tem por conseqüência alterar de maneira idêntica todas as palavras em que figure o fonema em questão; é nesse sentido que as mudanças fonéticas são absolutamente regulares. (SAUSSURE, 2006, p. 167).

E quando as leis fonéticas não se aplicavam? Para explicar algum fenômeno que não se enquadrasse nas regularidades da língua, os neogramáticos atribuíam essas exceções linguísticas à analogia e/ou aos empréstimos linguísticos⁴.

Por tais razões, os estudos neogramáticos foram de grande importância para o entendimento das mudanças ocorridas de uma língua em sua evolução. Todavia, são alvo de muitas críticas na literatura, devido a seu critério de estudo linguístico. As principais críticas estão relacionadas à terminologia “lei fonética”. Para eles, *a mudança sonora ocorre foneticamente gradual e lexicalmente abrupta*, isto é, o som alterado vai sendo implementado paulatinamente nas palavras que contêm esse som; e o nível fonético é o único argumento para a mudança de uma língua.

Em relação ao termo “lei fonética”, muitos linguistas julgam-no inadequado, pois uma mudança sonora na língua não é resultado pura e simplesmente de leis que não podem ser

4 Segundo Saussure (2006), *uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada*. Portanto, a analogia está submetida a uma regra. Um falante faz uso da analogia, coloca em prática a chamada “regra de três”: A : B :: C : D (A está para B assim como C está para D). Por exemplo, na aquisição da linguagem há muitas ocorrências por analogia consoante a verbos de segunda conjugação - viver : vivi :: fazer : fazi. Empréstimo linguístico, segundo Dubois et ali (2004), *é quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço linguístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade ou o traço emprestado são, por sua vez, chamados de empréstimos*.

transgredidas. Sobre a forma como a mudança sonora propaga-se, desconsideraram que a mudança pode variar de uma palavra para outra, mesmo tendo contexto favorecedor, pois a língua não está desvinculada da fala e nem da cultura do indivíduo.

Considerar o nível fonético o único entendimento da mudança seria uma análise estreitada sobre a mudança de uma língua.

Apesar das críticas, pudemos ressaltar que esses teóricos encontraram muitas mudanças sonoras, tanto pelas leis fonéticas quanto pela analogia e empréstimos linguísticos. Com isso, evidenciaram muitos trajetos percorridos por uma língua, como, por exemplo, as mudanças ocorridas nas línguas que evoluíram do latim: português, francês, espanhol, italiano etc. Podemos dizer, portanto, que os neogramáticos foram indispensáveis para os estudos das mudanças linguísticas.

No Brasil, muitas pesquisas de variação das vogais médias pretônicas pautaram-se nos fundamentos neogramáticos para a análise desses fenômenos linguísticos. Essas pesquisas enfatizaram a ideia das leis fonéticas como explicação para a variação de um fenômeno fonológico em uma língua.

Nessa vereda, destacamos a harmonia vocálica, uma regra fonológica presente em muitas línguas do mundo, a qual caracteriza a assimilação da altura do traço de uma determinada vogal, alterando a qualidade de uma ou mais vogais de uma palavra. No PB, a harmonia vocálica é uma regra variável, que se configura em uma assimilação regressiva que atinge as vogais médias pretônicas, isto é, uma vogal média pretônica assimila o traço da altura da vogal subsequente, podendo elevar (alçamento) a vogal ou abaixá-la (abaixamento), de acordo com a vogal gatilho, por exemplo: alçamento (*menino* ~ *minino*) ou abaixamento (*relógio* ~ *relógio*).

Importantes pesquisas, de cunho neogramático sobre harmonia vocálica do PB, foram realizadas: Mota (1979); Bisol (1981); Silva (1989); Callou, Leite e Coutinho (1991); e

Schwindt (1995). Nesses estudos, foi destacado que a presença da vogal no gatilho é o principal fator que desencadeia o alçamento da pretônica. Alguns desses estudos serão relatados no tópico **Principais estudos sobre vogais pretônicas no Brasil**.

2.1.2 Difusionistas

Os difusionistas contestavam o que os neogramáticos defendiam. Em 1962, foi publicado o *Hanyu Fangyi Zihui*, um projeto da década de 60 sobre os modernos dialetos chineses, no qual concluíram que as mudanças eram, fundamentalmente, lexicalmente graduais. Diante desses fatos, em 1977, Wang e Cheng defenderam o oposto aos argumentos neogramáticos (*apud* LABOV, 1981): *nós argumentamos que as palavras mudam suas pronúncias através de desenvolvimentos discretos e perceptíveis (isto é, foneticamente abrupto), mas a rigor uma de cada vez (isto é lexicalmente gradual)* (LABOV, 1981, p. 270)⁵. Assim, *a mudança sonora é lexicalmente gradual e foneticamente abrupta*. Logo, os estudiosos chineses apresentaram a *difusão lexical*. Essa hipótese defende, portanto, que o *locus* da mudança seria na palavra e não no fonema.

Labov (1981) ressaltou que os estudos de difusão lexical não se limitaram aos dialetos chineses, mas também ao suíço, tibetano, galês antigo, sueco e em processos de aquisição do inglês e do chinês.

Posteriormente, em um mesmo raciocínio, Krishnamurt (1978) divulgou seus estudos, com argumentos difusionistas, sobre os padrões das consoantes apicais das línguas dravídicas⁶ (consoantes alveolares e retroflexas ocorrem numa determinada posição proto-dravídico e, em línguas posteriores, mudam de posição em um grupo específico de línguas afetando itens

5 Tradução de Daniel Marra da Silva: *we hold words change their pronunciations by discrete, perceptible increments (i.e. phonetically abrupt), but severally at a time (i.e. lexically gradual)*.

6 Línguas faladas no Sul da Índia, Nordeste do Sri Lanka e em algumas regiões do Paquistão, Nepal, Afeganistão e Irã.

lexicais em proporções diferentes a cada um deles). Labov (1981) apontou que os estudos de Krishnamurt, em comparação com outros expoentes do modelo difusionista, foram os mais convincentes: seus resultados não deixam dúvidas de que essas mudanças sonoras procederam com a palavra, e não com o fonema, como unidade básica (LABOV, 1981, p. 271)⁷. As palavras que mudaram primeiro foram as relacionadas aos conceitos fundamentais para a comunicação e a cultura. Portanto, vale salientar que, para os difusionistas, a unidade básica da mudança é a palavra.

Labov (1981), que até então considerava apenas aspectos neogramáticos para o entendimento da mudança, com base em estudos já realizados sobre as vogais e consoantes do inglês, elabora duas listas, uma direcionada a casos neogramáticos e outra a aspectos difusionistas, mostrando que:

Breves observações feitas sobre outras mudanças na história do Inglês sugerem que, em geral, podemos entender a difusão lexical como alterações entre subsistemas, isto é, mudanças de traços abstratos; e a mudança neogramática dentro de subsistemas. (LABOV, 1981, p. 299).⁸

A seguir, apresentaremos a classificação dos fenômenos linguísticos feita por Labov (1981). A primeira coluna refere-se aos casos de mudança de natureza neogramática e a segunda, aos de natureza difusionista:

⁷ *his results leave no doubt that these 'sound changes proceeded with word, not the phoneme, as basic unit'.*

⁸ *The brief observations made of other changes in the history of English suggest that, we can look for lexical diffusion is these shifts across subsystems, i.e changes of abstract features, and Neogrammarian change within the subsystems.*

TABELA 1 Classificação das alterações vocálicas e consonantais segundo Labov

	Sem relato de condicionamento lexical	Com relato de condicionamento lexical
Alterações vocálicas		
Dentro de subsistemas	4	1
Ditongação e monotongação	3	1
Alongamento e encurtamento	0	7
Alterações consonantais		
Mudança de modo	4	0
Mudança de ponto	5	2

TABELA 1 – Classificação das alterações vocálicas e consonantais segundo Labov
 FONTE: Labov (1981, p. 303)

A distribuição dos fenômenos na tabela 1 mostrou que: as mudanças que envolveram alongamento e encurtamento de vogais – entre subsistemas – foram de cunho difusionista, enquanto mudanças que envolveram modo de articulação das consoantes – dentro de subsistemas – foram de cunho neogramático. Mudanças que envolveram ditongação e monotongação de vogais e mudanças que envolveram ponto de articulação das consoantes são, predominantemente, de natureza neogramática. Destarte, Labov (1981) concluiu que *localizamos a regularidade neogramática nas regras do nível baixo de output (low-level output rules), e a difusão lexical na redistribuição de uma classe abstrata de palavras em outras classes abstratas* (LABOV, 1981, p. 304)⁹. Com esse argumento, Labov mostrou a possibilidade de a mudança sonora ser entendida pelos dois modelos em aliança.

⁹ Tradução de Marco Antônio de Oliveira (2003): *We have located Neogrammarian regularity in low-level output rules, and lexical diffusion in the redistribution of an abstract word class into other abstract classes.*

Em estudos no Brasil, Viegas (1987), sobre o alçamento das vogais médias pretônicas no falar de Belo Horizonte, destacou que, para analisar variação, é necessário também *relevar a questão do item lexical, sem contudo desprezarmos a regra variável [...] (VIEGAS, 1987, p. 152)*. Em análise ao alçamento das vogais médias pretônicas, a pesquisadora refletiu sobre o fato de que nem todos os itens lexicais com contextos favoráveis à aplicação da regra de harmonia vocálica sofreram alçamento, enquanto alguns que não apresentaram contextos favoráveis sofrem o alçamento:

Porque “meninge” e “perícia” não alçam, ao passo que “minino” e “pirigo” alçam. Por que este resíduo? Que restrições o léxico impõe (ou impôs) quando da aplicação da regra? Que palavras são (ou foram) atingidas primeiro? Da mesma forma, por que palavras sem contexto para a regra alçam sempre, como *s[i]mestre e p[i]queno?* (VIEGAS, 1987, p. 133).

Diante disso, pudemos dizer que, nos estudos de Viegas, nem todos os ambientes estruturais explicaram o alçamento e o não alçamento dos itens lexicais. A autora argumentou que, *por enquanto, o certo é que algumas palavras já mudaram, houve uma reestruturação e estas palavras tem /i/ ou /e/ em sua forma subjacente, conforme sejam sempre alçadas ou nunca alçadas, respectivamente.* (VIEGAS, 1987, p. 133). Como se observa, a pesquisadora mostrou que há evidências lexicais atuando no alçamento. Em itens como *Peru (país) x piru (ave)*, *porção x purção*, dentre outros, Viegas (1987) notou que fatores histórico-culturais interferiram na realização do alçamento.

Um *slogan* elaborado pelo etimólogo e filólogo Yakov Malkiel ilustrou a mudança sonora nessa circunstância: *cada palavra tem sua própria história*. Segundo Campbell (2002), esse *slogan* foi atribuído frequentemente a Jules Gilliéron, autor do *Atlas linguistique de la France*, atlas do dialeto Francês, pois Gilliéron, em estudos com dialetos do Francês, evidenciou que outras observações sobre a mudança fonética eram patentes. Como, por exemplo, na passagem do latim para o francês padrão, houve mudanças do [k] ~ [ʃ] (k ~ ch)

antes das vogais *a* em palavras como *cantare* > *chanter* “cantar”. Porém, em dialetos da Normandia¹⁰, o /*k*/ manteve-se em alguns vocábulos como: *chattu* > *cattu(s)* “gatos”, *chanson* > *cantion* “música”, *champ* > *campus* “campo”, *Chandeleur* > *Candela* “Candelária”, dentre outros¹¹.

Oliveira (2003) elencou três argumentos constitutivos do postulado difusionista:

a tese difusionista é fortemente reforçada por três argumentos: 1) inúmeras exceções a determinadas mudanças fonéticas não podem ser explicadas unicamente por analogia e/ou empréstimos; 2) muitos processos fonológicos não são explicados somente por condicionamentos sonoros, mas por vários fatores, incluindo os de natureza sócio-geográfico-cultural; e 3) nem todos os vocábulos que contêm o som em mudança são afetados simultaneamente e da mesma maneira. (OLIVEIRA, 2003).

Para a hipótese difusionista, fatos extralinguísticos influenciam na variação linguística de uma comunidade. Portanto, aspectos histórico-sociais e semânticos podem interferir consideravelmente na disseminação de uma variação ou mudança linguística. A regra de uma mudança não ocorre em todas as palavras incondicionalmente, deve-se analisar a origem dessa mudança em cada vocábulo.

Na década de 1980, trabalhos fundamentados à luz da Difusão Lexical no Português Brasileiro, tais como Viegas (1987, 2001) e Oliveira (1991, 1992, 1995) tiveram destaque. De acordo com Oliveira (1992), a variação linguística não pode ser interpretada apenas em seu contexto fonético, ou seja, uma mudança sonora não se configura apenas por leis fonéticas. Para este estudioso, o papel do léxico e o comportamento do indivíduo devem ser levados em consideração para a interpretação de uma mudança sonora.

Em estudo com dados de Belo Horizonte, Oliveira (1992) argumentou sobre a flutuação das vogais médias pretônicas desse dialeto na perspectiva difusionista. O pesquisador fez a distinção entre a flutuação fonética e a flutuação alomórfica. Na flutuação

10 Região do Noroeste da França.

11 Exemplos tirados do livro *Historical Linguistics: an introduction* de Lyle Campbell (2004, p. 213).

fonética, Oliveira mostrou os casos legítimos de variação que podem ocorrer tanto [x] quanto [y] em um mesmo ambiente:

Nestes casos um determinado morfema aparece, realmente, em duas composições fonéticas, num mesmo contexto. Temos, então, tanto {[x]W} quanto {[y]W}, e um exemplo disto seria a possibilidade de se ter [ku'migU] e [ko'migU] para comigo. (OLIVEIRA, 1992, p. 35).

Na flutuação alomórfica, ou flutuação automática, Oliveira apresentou os casos falsos de variação, *muito embora sejam contados como casos de variação legítima em alguns estudos*:

Nestes casos um determinado morfema aparece em composições fonéticas diferentes em ambientes diferentes. Temos, então, {[x]W} e {[y]J} (mas não *{[x]J} e/ou *{[y]W}). Um exemplo deste caso pode ser dado, para o dialeto do qual me ocupei, por [ku'hi] 'corri' □R [ko'hew] 'correu' (mas não *[ko'hi] e/ou *[ku'hew]). (OLIVEIRA, 1992, p. 35).

Desse modo, Oliveira lançou mão de exemplos retirados dos dados da fala de Belo Horizonte para a fundamentação da ocorrência e/ou não ocorrência do alçamento das vogais médias pretônicas na perspectiva difusionista. Primeiramente, apresentou verbos que contêm o alçamento independente de seu ambiente fonético como em *cumendu, cumia, cumer; cumeça, cumeçava, cumecei, cumeçou, cumeçamos; cunversar, cunversava, cunversa*. Em seguida, detectou que alguns verbos aparecem sem alçamento como: *acontece, aconteceu, acontecia, acontecido; consegui, consegue, conseguia, conseguido, conseguir*. Um dos fatos mais importantes, para ele, foi encontrar casos que apresentaram alçamento, enquanto outros nunca apresentaram alçamento, a exemplo de *curri, currido* versus *correu, correndo, correr; murri, murria* versus *morrer, morreu; podia, pudido* vs *poder, podemos*.

Diante desses fatos, Oliveira observou que, no dialeto belo-horizontino, não houve formas como *corri, morri, podia* ou *podido*, embora essas realizações possam acontecer em outros dialetos. Da mesma forma, nesse dialeto não houve ocorrências como *curreu, murreu,*

puder, porém esses itens também podem *ser aceitáveis e ocorrentes* no Português Europeu e em alguns dialetos do Português Brasileiro. Diante desses dados, Oliveira argumentou que:

1 – Uma mudança é licenciada lexicalmente, e cada dialeto terá a sua própria lista de itens atingidos, independentemente de contexto fonético. Estas listas poderão não só ter tamanhos diferentes, mas conterão, também, elementos diferentes.

2 – Uma vez atingido, o item em questão se submete à avaliação local. A depender das circunstâncias estruturais, isto pode levar à reestruturação (imediate ou não) ou à flutuação (variável ou automática).

3 – Os casos de flutuação poderão ser revertidos, ou então nivelados em termos da inovação, o que levaria à reestruturação. Estes ajustes finos serão resolvidos dialetalmente ou mesmo individualmente. (OLIVEIRA, 1992, p. 36).

Esses resultados levaram Oliveira a reconstruir suas propostas a respeito do contexto fonético:

Em Oliveira (1991) sugeri que as palavras que são afetadas em primeiro lugar por uma mudança teriam certos traços, tais como [+ Comum], [+ Estilo Informal] e [+ Contexto Fonético Natural para a Inovação]. Contudo, conforme vimos, estou propondo agora que se considere o contexto fonético em um outro nível, não mais como um condicionador e sim como uma espécie de estabilizador de uma inovação, funcionando a nível lexical. Também o traço [+ Estilo Informal] pode, e deve, ser substituído por um traço lexical como, por exemplo, [- Elaborado]. Com isto podemos remover dos traços inerentes das palavras quaisquer considerações de ordem estilística, embora seja evidente que palavras marcadas como [- Elaborado] tendam a ocorrer em contextos informais. Deixando de lado, aqui, os detalhes do traço [Elaborado], vou me restringir à questão do traço [Comum]. (OLIVEIRA, 1992, p. 37).

Portanto, para esse estudioso, o contexto fonético não seria mais um fator condicionante para a mudança e sim um elemento que reforça, *a posteriori*, a instauração da inovação em algumas palavras. Diante do exposto, foi importante destacar que as pesquisas de cunho difusionista não refutam o condicionamento fonético, apenas não defendem que isso seja a única explicação para o entendimento de um fenômeno linguístico.

A seguir, apresentaremos estudos clássicos sobre as vogais no Brasil.

2.4 Vogais do Português Brasileiro

A variação existente na pronúncia das vogais médias pretônicas do PB incitou várias discussões no âmbito da Linguística, principalmente na Fonologia, envolvendo importantes estudiosos que serão elencados a seguir. Essas discussões continuam atualmente, pois a intensa variabilidade na realização das vogais médias pretônicas no PB permite que novas reflexões sejam delineadas e debatidas.

Nascentes (1953) já descrevia, em seu estudo com o dialeto carioca, variações dialetais no tocante à realização das vogais pretônicas no Brasil. Esse pesquisador dividiu o país em sete subfalares (amazônico, nordestino, território incharacterístico, baiano, mineiro, sulista, fluminense), em dois grupos, Norte e Sul:



FIGURA 1 – Mapa do Brasil: Divisão dos falares do Português Brasileiro segundo Nascentes (1953)
 FONTE: Nascentes (1953, p.18)

Nessa divisão, o investigador expôs que não havia pronúncia de vogais pretônicas abertas no Sul, região que inclui o dialeto Triângulo Mineiro, exceto em alguns casos de derivação.

Câmara Júnior (2006) apresentou as vogais do português falado em um sistema complexo triangular, no qual são denominadas: *vogais anteriores*, *vogais centrais* e *vogais posteriores*.

A descrição das vogais a seguir foi pautada na observação da fala do Rio de Janeiro, sem a gravação da fala dos cariocas, portanto, sua descrição foi bastante intuitiva. Esse estudioso classificou os fonemas vocálicos a partir da posição tônica, deduzindo, assim, as vogais distintivas:

altas	/u/		/i/	
médias	/o/		/e/	(2º grau)
médias	/ɔ/		/ɛ/	(1ª grau)
baixas		/a/		
	Posteriores	Central	Anteriores	

FIGURA 2 – Sistema vocálico do Português Brasileiro na posição tônica
 FONTE: Câmara Jr. (2006, p. 41)

De acordo com o quadro acima, para Câmara Júnior, as vogais, em sua modalidade oral, não consistiam apenas no uso simples de cinco letras que aprendemos na escola, mas sim em um sistema muito mais complexo. O autor defendeu que, na oralidade, há sete fonemas vocálicos na posição tônica, sendo estes multiplicados em diversos alofones. Por exemplo, nessa posição, mantêm-se os contrastes fonêmicos nas vogais médias na distinção entre palavras como: *governo* (substantivo) e *governo* (verbo); *seco* (adjetivo) e *seco* (verbo).

Todavia, na posição pretônica, isso não ocorrerá. Com o uso da vogal média nessa posição, haverá a perda do traço distintivo em relação às vogais médias abertas e uma palavra não se distinguirá de outra. Devido a essa perda de traços, ocorre um processo fonológico chamado neutralização. Com esse processo, o sistema vocálico reduz-se a cinco vogais:

altas	/u/		/i/
médias	/o/		/e/
baixas		/a/	
	Posteriores	Central	Anteriores

FIGURA 3 – Sistema vocálico do Português Brasileiro na posição pretônica
 FONTE: Câmara Jr. (2006, p. 41)

Em posição postônica não-final, o sistema de sete vogais reduz-se para quatro: /a, e, i, u/. Isso se dá, por exemplo, em palavras como catál[a]go, semáf[e]ro, ól[i]o, ar[i]a, név[u]a, abób[u]ra:

altas	/u/		/i/
médias	...		/e/
baixas		/a/	
	Posteriores	Central	Anteriores

FIGURA 4 – Sistema vocálico do Português Brasileiro na posição postônica
 FONTE: Câmara Jr. (2006, p. 41).

Finalizando, o sistema reduz-se a três vogais quando em posição final de palavra /a, i, u/:

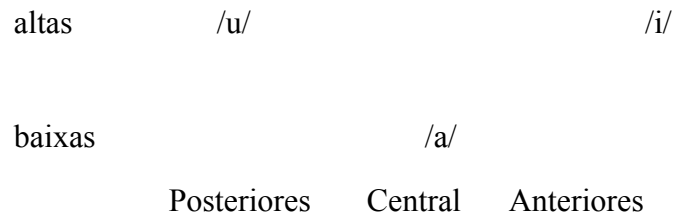


FIGURA 5 – Sistema vocálico do Português Brasileiro na posição final
 FONTE: Câmara Jr. (2006, p. 41)

Para Bisol (2003), as vogais do PB não figuram como três regras de neutralização, mas sim apenas duas. A autora defendeu que o sistema vocálico de sete vogais é evidenciado inteiramente em posição tônica e em dois subsistemas átonos de cinco e três vogais. O sistema de cinco vogais /a, e, i, o, u/ tem uma realização absoluta na pauta pretônica e o sistema de três vogais /a, i, u/, na átona final. Na postônica não-final, há uma alternância entre os dois sistemas átonos: o de cinco e o de três. Segundo Bisol (*op. cit.*), neutralização é a perda do traço que distingue em si dois fonemas, exemplo belo > beleza – alçamento. A pesquisadora enfatizou que a regra de neutralização é um processo natural que se encontra em muitas outras línguas do mundo.

Outra espécie de neutralização fonológica é a harmonia vocálica que, consoante Bisol (1981), configura-se por assimilação do traço da vogal seguinte para a pretônica, isto é, a vogal pretônica assume traços altos da vogal imediatamente seguinte, independentemente de sua tonicidade.

Como mencionado anteriormente nos postulados Câmara Júnior (2006), os dialetos do PB apresentaram variações na realização das vogais médias, sendo: média aberta [ɛ] ou [ɔ]; média fechada [e] ou [o]; ou como vogal alta [i] ou [u]. Contudo, não pudemos classificar

nenhuma dessas possibilidades como características de um dialeto específico. Ao passo que, de forma geral, as vogais médias abertas caracterizam dialetos do Norte e Nordeste, as médias fechadas caracterizam os sulistas¹² e as médias altas caracterizam as regiões Centrais do Brasil. Vale ressaltar que cada uma dessas possibilidades pode ser encontrada com mais frequência em uma determinada região. Por exemplo, em relação à palavra *moleque*, espera-se encontrar *m[ɔ]leque* nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, *m[o]leque* na região Sul, nas regiões Centrais e Sudeste do Brasil, *m[u]leque*.

Nesse sentido, na seção a seguir, relataremos os principais estudos sobre vogais pretônicas no PB.

2.5 Principais estudos sobre vogais médias pretônicas no Brasil

Mota (1979) desenvolveu sua pesquisa no falar de Ribeirópolis, no estado do Sergipe, com o objetivo de descrever a realização de vogais inacentuadas no desempenho de falantes rurais desse município. Seu *corpus* conteve cinco informantes analfabetos da zona rural, sendo quatro do sexo masculino e uma do sexo feminino. Em seu trabalho, a pesquisadora não apresentou uma análise estatística desses dados, elencou os itens levantados para a pesquisa e identificou os ambientes que interferiram na realização das vogais médias pretônicas. A estudiosa analisou primeiramente os ambientes morfológicos das palavras em relação à variação das vogais médias pretônicas (variantes: alta, média ou baixa). Os ambientes morfológicos eram: *os radicais inacentuados de formas verbais ou de formas sufixais e os radicais acentuados do mesmo verbo ou das formas não sufixais fônica e semanticamente relacionadas* (MOTA, 1979, p. 33). Em seguida, apresenta os ambientes

12 O termo “sulistas” foi utilizado de acordo com a divisão dos falares feita por Antenor Nascentes (1953).

fonéticos que favorecem essas variantes. Mota utilizou os princípios da Fonologia Gerativa para a interpretação de seus dados.

No que tange à morfologia, Mota argumentou que vocábulos com *suffixos produtivos* (muito representativos para formação de sufixos, como – zinho, para formação de diminutivos com alta frequência nos dados da pesquisadora) *realizam vogal radical idêntica à vogal radical da forma não sufixal* (MOTA, 1979, p. 278), por exemplo, $\text{caf}[\epsilon] \sim \text{caf}[\epsilon]\text{zinho}$; $\text{p}\epsilon \sim \text{p}[\epsilon]\text{zinho}$ etc. *Enquanto que as formas sufixais com sufixo não produtivos se submetem às regras fonéticas do mesmo modo que as formas não sufixais*, exemplo $\text{t}[\epsilon]\text{rra} \sim \text{t}[\epsilon]\text{rreno}$; $\text{t}[\epsilon]\text{rra} \sim \text{t}[\epsilon]\text{rreno}$; $\text{p}[\epsilon]\text{rna} \sim \text{p}[\epsilon]\text{rnona}$; $\text{b}[\text{o}]\text{ca} \sim \text{b}[\text{o}]\text{cona}$ (MOTA, 1979, p. 278).

Sobre as formas verbais, *as vogais inacentuadas realizam formas verbais com a mesma altura que as vogais temáticas*, conseqüentemente, a pesquisadora argumentou *que há uma harmonização entre vogal radical e vogal temática na classe de verbos*, porém, não se configurou quando a vogal temática é uma nasal. Exemplos: $\text{amar}[\epsilon]\text{lar} - \text{amar}[\epsilon]\text{la}$; $\text{m}[\text{o}]\text{strar} - \text{m}[\text{o}]\text{strava} - \text{m}[\text{o}]\text{ostrando}$. Observou também que há, entre formas verbais e formais nominais, alternância entre forma verbais –ar ou formas verbo-nominais em –ado e formas nominais não sufixais, como, por exemplo, em: $\text{pen}[\epsilon]\text{irar}$, $\text{pen}[\epsilon]\text{irada} - \text{pen}[\text{e}]\text{ira}$; $\text{cab}[\epsilon]\text{çada}$, $\text{cab}[\text{e}]\text{çada} - \text{cab}[\text{e}]\text{ça}$; $\text{b}[\epsilon]\text{irada}$, $\text{b}[\text{e}]\text{irada} - \text{b}[\text{e}]\text{ira}$.

Na análise que envolve os fatores fonéticos, a autora identificou, basicamente, um processo de harmonia vocálica como determinante na *superficialização* das vogais pretônicas. Todavia, em suas análises, verificou que há outros fatores que desencadeiam a superficialização das vogais /e, o/, a realização do [i] da vogal inacentuada /e/ está adjacente a sons consonantais [+anterior] e da vogal inacentuada [u] está adjacente a sons consonantais [-

anterior]. Exemplos: *negocia* [nigu'sia], *revolvida* [xivu'vida], *comestível* [kumif'tivu]¹³.

Outro fator é a realização da vogal inacentuada /o/ como [u] contígua a consoantes (b, p, f, v) devido à labiabilidade dessas consoantes serem favorecedoras – b[u]lacha, f[u]gão. Verificou, também, que o abaixamento das vogais médias ocorre quando, na mesma sílaba ou no início, encontra-se uma soante /r/ - pr[ɔ]cissão, pr[ɛ]firo ou um /x/ - p[ɛ]rdido, b[ɔ]rnal.

Sobre o mesmo tema, destacamos os estudos de Bisol (1981), em análise ao dialeto gaúcho. Nessa pesquisa, de natureza neogramática, defendeu que a harmonia vocálica opera sobre as vogais médias pretônicas em contexto interno CVC (consoante-vogal-consoante). Essa pesquisadora baseou-se na metodologia quantitativa laboviana (1972). Seu *corpus* foi estratificado em 44 informantes, distribuídos em grupos de acordo com sua ascendência étnica: metropolitanos (açoiranos), italianos, alemães e fronteiriços – uruguaios. A distribuição dos informantes por etnia e sexo conforme segue o quadro abaixo:

Zonas	Homens	Mulheres	Total
Metrópole	4	4	8
Zona italiana	4	4	8
Zona alemã	4	4	8
Fronteira	4	4	8
Metrópole (cult)	6	6	12
Total de informantes	22	22	44

QUADRO 1 – Distribuição dos informantes por etnia e sexo
 FONTE: Bisol (1981, p. 55)

As faixas etárias desses informantes são de 25 – 35, 36 – 45 e de 56 anos em diante. Bisol organizou seus informantes da seguinte forma: os informantes metropolitanos eram todos monolíngues e serventes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e PUC/RS; os da zona italiana eram de um distrito de Veranópolis, bilíngues, trabalhavam em uma fábrica de bolas e pequenos agricultores, algumas informantes eram donas de casa; os falantes da zona alemã também eram bilíngues, trabalhavam em indústrias de calçados; e, por fim, os

13 Transcrição dos dados da autora: Mota (1979, p. 125).

fronteiriços eram monolíngues, mas entendiam espanhol, alguns eram trabalhadores de um frigorífico e outros trabalhavam em empresas particulares, havia também uma empregada doméstica e uma costureira; a fala culta foi constituída por informantes de curso superior, com diferentes profissões, entrevistados pelo projeto NURC.

Em suas análises, Bisol (1981) observou que a mudança do $o > u$ e do $e > i$ é uma regra variável, sendo o fator mais favorecedor a vogal alta da sílaba seguinte. Portanto, Bisol (1981, p. 259) propôs que *a harmonização vocálica é um processo de assimilação regressiva – desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente subsequente, independentemente de sua tonicidade – que pode se estender a uma ou mais vogais médias do ambiente*. Por exemplo, menino ~ m[i]nino; político ~ p[u]lítica. Ressaltou que os fatores favorecedores para aplicação dessa regra são (hierarquicamente): a vogal alta da sílaba seguinte, o caráter da vogal alta da sílaba seguinte, o caráter da vogal átona candidata à regra e a consoante adjacente.

Ademais, Bisol verificou que as consoantes palatais tiveram função importante para o alçamento [e] e [o] na posição seguinte (*melhor/milhor, sonhar/sunhar*); bem como as labiais, que favoreceram o alçamento da média posterior [o], principalmente em posição precedente (*boneca/buneca*) e seguinte (*tomate ~ tumate*); e as velares, que favoreceram a elevação da média anterior [e], tanto em posição precedente, quanto seguinte (*querido/quirido, segunda/sigunda*).

No processo derivativo, a pesquisadora observou que o caráter átono permanente da média pretônica mostrou-se favorável ao alçamento das vogais médias pretônicas, como, por exemplo, em: *m[e]nino ~ m[i]ninu, m[e]ninice ~ m[i]ninice; f[o]rmiga ~ f[u]rmiga, f[o]rmigueiro ~ f[u]rmigueiro*. Bisol mostrou também que a nasalidade tornou-se favorável ao alçamento de /e/ e desfavorável ao de /o/.

Bisol salientou que alguns fatores tenderam a impedir o funcionamento da regra: as palatais precedentes (chorar, jogar), alveolar precedente (seleção) ou seguinte (colega), e o acento subjacente da vogal candidata à aplicação da regra. Os elementos formadores de grau e outros sufixos (-zinho(a)) e a maioria das derivações por (-inho(a)) tenderam também a bloquear o funcionamento da regra, como se pode ver em gordo > g[o]rdinho e não gordo > g[u]rdinho.

Em relação aos fatores sociais, Bisol mostrou que a variação da vogal pretônica não apresentou estigma social, pois ocorre tanto na fala popular quanto na culta, todavia, com menos frequência, possivelmente influenciada pela escrita. Sobre a etnia, foram os metropolitanos (fala popular) que empregam mais a regra do alçamento. Em seguida, apareceram os bilíngues, nesta ordem: italianos, alemães e fronteiriços. Bisol (1981) afirmou que a regra encontra-se em equilíbrio em cada grupo estudado, embora os informantes jovens – monolíngues, representantes da fala culta – usassem menos a regra do que os mais velhos desse mesmo grupo. Esse fato poderia indicar uma possível trajetória de regressão da regra. Por fim, os estudos de Bisol mostraram que

a regra variável no sistema do português falado no Brasil, especificamente no dialeto gaúcho, é incontestável. Sua existência abalizadamente testemunhada por todas as fases do português antigo, dos primórdios ao séc. XVIII, parece ter suas origens no séc. IV d.C, época do documento mais antigo por nós encontrado. A similaridade entre a regra do português quinhentista e a do português moderno, [...] permite-nos dizer que a variação pretônica, transposta para o Brasil, é conservada no dialeto gaúcho com as características de antanho. (BISOL, 1981, p. 262).

Diante disso, percebemos que o estudo de Bisol é consoante ao modelo neogramático, em que o alçamento ocorre por fatores puramente fonéticos, de uma única vez.

Viegas (1987) estudou o alçamento das vogais médias pretônicas na fala de 16 habitantes da região metropolitana de Belo Horizonte. A pesquisadora baseou sua metodologia de acordo com Labov (1972). Estratificou os moradores dessa região em dois

grupos socioeconômicos: operários (filhos ou esposas de operários) de Barreiro com uma renda familiar mensal baixa; e habitantes da área do Colégio Batista, devido à renda familiar mensal ser maior. Viegas considerou as variáveis – sexo e idade em cada grupo socioeconômico sendo quatro informantes jovens e quatro informantes adultos divididos em subgrupos – masculino e feminino. Cada subgrupo conteve dois informantes. A pesquisadora também observou o estilo de cada falante – formal e informal.

Em suas análises, Viegas observou que o alçamento pode ser entendido, em termos estruturais, por meio de uma regra fonológica (menino ~ m[i]nino). Os ambientes que influenciaram o alçamento de /o/ foram diferentes daqueles que influenciaram /e/. Por exemplo, a vogal média /o/, em início de palavra, não alçou em qualquer momento ([o]rgulho) visto que /e/, quando em sílabas travadas, possuiu alta probabilidade de alçamento ([i]scola). Viegas (1987) verificou que as obstruintes precedentes favoreceram o alçamento de /o/ (c[u]berta) e as nasais precedentes favoreceram o alçamento de /e/ (n[i]nhum), contudo, desfavoreceram o de /o/ (m[o]cinho). As obstruintes seguintes favoreceram o alçamento de /o/ (pr[u]curar), embora desfavoreceram o de /e/. A vogal alta subsequente favoreceu o alçamento de /e/ (m[i]nina), embora isso seja diferente no alçamento de /o/. A autora argumentou que a regra de assimilação para /o/ pareceu estar relacionada com as consoantes adjacentes, como defendido em Abaurre-Gnerre (1981 *apud* VIEGAS, 1987) sobre o enfraquecimento da vogal por assimilação por traços consonantais adjacentes – pequeno ~ p[i]queno, colher ~ c[u]lher.

Sobre os ambientes extralinguísticos, Viegas argumentou que os falantes não tiveram plena consciência do processo de alçamento. A autora percebeu que o alçamento foi ligeiramente estigmatizado pelos falantes e que /o/ é uma variável estável, mas /e/ apresentou indícios de mudança em progresso. Sobre os estilos e itens lexicais, a pesquisadora observou que o alçamento foi encontrado tanto no estilo formal quanto no informal. Contudo, no

formal, encontrou alçamento sem haver ambientes favorecedores e, no informal, nem todos os itens alçaram, mesmo tendo ambientes favorecedores. Sobre a frequência dos itens lexicais, a autora mostrou que os itens mais frequentes na amostragem com ambientes favorecedores alçaram proporcionalmente mais (menino ~ minino, bonito ~ bunito) do que aqueles menos frequentes, também com ambientes favorecedores (meninge, bonina bonita), em ambos os estilos.

Viegas verificou também que o conteúdo semântico do item pôde alterar a vogal pretônica, como em Peru (país) x piru (ave), porção (prato) x purção (quantidade). Ressaltou que houve palavras que alçaram (simestre x semana), independentemente da questão semântica ou de outros fatores que favorecessem o alçamento, portanto, mencionou que cada palavra tem sua própria história.

Diante disso, Viegas (1987) relevou a implementação do alçamento – mudança sonora por meio do léxico – devido à frequência de alguns itens lexicais resultantes da atuação dos fatores não estruturais, bem como o valor semântico de outros itens.

Assim sendo, essa estudiosa lançou mão da ideia difusionista no seu trabalho, pois a regra de alçamento não atingira cegamente todas as palavras, mas sim alguns vocábulos mais frequentes para o alçamento. Para Viegas, portanto, fenômenos linguísticos configuram-se também em aliança a fatores históricos e sociais.

Sobre o falar de Brasília, Bortoni, Gomes e Malvar (1992) desenvolveram um estudo preliminar sobre as vogais médias. Os dados para esse trabalho foram obtidos de 14 informantes, sendo 7 homens e 7 mulheres, entre 11 e 38 anos de idade. Esses informantes foram estratificados também pela classe social e a origem dos pais.

Diante da análise dos dados, detectaram que os contextos fonéticos favoráveis para a realização do alçamento seriam, via regra harmonia vocálica, isto é, a presença de vogais altas [i] e [u] na sílaba tônica favorece o alçamento das vogais médias pretônicas – argumento já

considerado no trabalho de Bisol (1981) com o dialeto do Sul. Embora, o hiato fosse um fator favorecedor para o alçamento (*basiado, Ciará, tiatro*) no falar brasiliense, foram encontrados vocábulos como *real, realmente e realize*, que apresentaram variáveis [e ~ ε]. Portanto, no caso de hiatos seguidos de [e] ou [a], o falar brasiliense apresentou realizações categóricas e não categóricas (condicionamento lexical) nesse ambiente. Nesse sentido, Bortoni, Gomes e Malvar (1992) destacaram um importante fato sobre o item lexical *vestibular*, que possui os mesmos ambientes de *vestir/vistir* e *vestido/vistido*, favoráveis ao alçamento da vogal pretônica inicial em função da presença de vogal alta na sílaba seguinte e sílaba travada por /S/, que não elevou na fala brasiliense. Tal fenômeno – as autoras argumentaram essa evidência – não se identificou em explicações neogramáticas. Portanto, diante dos estudos das autoras, teve-se que, no falar de Brasília, apresentaram-se explicações tanto neogramáticas quanto difusionistas para a interpretação da realização do alçamento das vogais médias pretônicas.

Freitas (2001) estudou as vogais médias pretônicas no falar dos habitantes da cidade de Bragança, Pará. A metodologia desse estudo também foi fundamentada pela Sociolinguística Quantitativa Laboviana. O *corpus* utilizado compôs-se de dados da fala de 32 informantes, organizados em grupos estratificados da seguinte forma: faixa etária, sexo, escolaridade e renda.

A pesquisadora, no decorrer de seu trabalho, excluiu alguns fatores escolhidos inicialmente, pois esses fatores não foram importantes para análise estatística dos dados. Examinou, portanto, apenas a escolaridade dos informantes e acrescentou o seguinte fator – tipo de atividade (rural ou urbana). Foram examinados os seguintes fatores estruturais: a vogal contextual, as consoantes antecedente e seguinte, o caráter átono da pretônica no paradigma e a classe morfológica.

Freitas analisou que, nesse dialeto, a variação de $o \sim \text{ɔ} \sim u$ e $e \sim \text{ɛ} \sim i$ das vogais médias foi desencadeada pelos contextos vocálicos imediatamente seguintes, independente da tonicidade, por processo de assimilação.

Em contexto antecedente, a autora verificou que:

- para a manutenção da média, favoreceu a fricativa glotal (rreformado), com probabilidade significativa e as sibilantes /ʃ/, /ʒ/, tʃ/, dʒ/ com tendência à irrelevância;
- o abaixamento da média é favorecido pelas alveodentais /t, d/, pelas palatais (nh, lh,), bem como pela fricativa glotal – com índice de probabilidade muito desfavorável;
- em relação ao alteamento, foram as labiais (p, b, m, f, v) com o que apresentaram maior índice de favorecimento, bem como as sibilantes e as velares (k, g, r – rotariano).

Em relação à pretônica, com tônica de item lexical do mesmo paradigma:

- houve a manutenção da pretônica /e/ relacionada à tônica média e à tônica de altura variável entre média e baixa;
- houve o abaixamento da pretônica relacionada à tônica de altura baixa, bem como a pretônica /o/ relacionada à tônica de altura variável entre média e baixa;
- houve o alteamento da pretônica considerada átona permanente, bem como aquela relacionada à tônica de altura variável incluindo alta;
- houve o alteamento da pretônica /o/ relacionada à tônica média, e da pretônica /e/ relacionada à tônica baixa.

Freitas (2001), em relação às classes morfológicas, verificou que os verbos favoreceram a manutenção das médias (com índice próximo da faixa de irrelevância) e o alteamento (com índice significativo). Os nomes favoreceram a manutenção, como desfavoreceram o abaixamento e o alteamento, sempre com índices próximos da faixa de irrelevância. Os advérbios favoreceram o alteamento e desfavoreceram a manutenção (esta

com índice próximo da faixa de irrelevância). Os pronomes favoreceram o abaixamento com alto índice.

Quanto à escolaridade, observou que o nível baixo de escolaridade propiciou o alçamento e desfavoreceu a manutenção e o abaixamento. O nível fundamental favoreceu o abaixamento da anterior e produziu índice desfavorável para todas as outras variantes. O nível médio favoreceu tanto a manutenção quanto o abaixamento.

Sobre o tipo (rural ou urbana), na pesquisa de Freitas, essa variável mostrou-se estatisticamente desfavorável, pois seus fatores produziram índices desfavoráveis próximos ao peso relativo de .333.

Freitas concluiu que o falar paraense, em comparação aos falares do Norte, é uma ilha dialetal, como argumentado por Silva (1989) em relação aos estudos de Vieira (1983) quanto aos aspectos do falar paraense.

Célia (2004) analisou o falar de Nova Venécia localizada no Noroeste do Espírito Santo. A pesquisadora estratificou os nove informantes em sexo feminino, escolaridade – terceiro grau completo (ensino superior) – e em três faixas etárias – de 25 a 35 anos, 36 a 55 anos, 56 anos em diante.

Concluiu que as vogais médias pretônicas podem realizar-se como médias, podem variar entre realizações médias [e, o], alteadas [i, u] ou abaixadas [ɛ, ɔ] e tal variação se dá por um processo de assimilação do traço de altura da vogal da sílaba seguinte, independentemente de sua tonicidade.

No que tange a fatores estruturais sobre o alçamento das vogais médias pretônicas, Célia observou que:

- o alteamento das vogais médias pretônicas teve como principal fator favorecedor a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte;

- a nasalidade da vogal pretônica foi um fator favorável na aplicação do alçamento – as vogais nasais tenderam a favorecer o alteamento de [e], em relação a [o] há o alteamento quando é oral;
- a estrutura CV favoreceu o alteamento e as sílabas CVC o inibem;
- as vogais átonas são ambientes favorecedores para a aplicação da regra de alteamento tanto de [e] como de [o];
- a consoante labiodental (f, v) favoreceu o alteamento de [e] na posição precedente, enquanto a alveolar (t, d, s, z, n, l, r) e a bilabial (p, b, m) favoreceram em posição seguinte;
- as consoantes favorecedores do alteamento de [e] foram as palatais (nh, lh) e as bilabiais (m, p, b) como contexto precedente, e as velares (k, g, /x/) como seguinte. As de [o] são as palatais, as velares como precedente e as labiodentais como seguinte.

Sobre o abaixamento, a pesquisadora verificou que:

- o abaixamento das vogais médias pretônicas detém os mesmos padrões do alteamento, sendo o fator favorecedor a presença da vogal baixa na sílaba seguinte;
- as consoantes labiodentais favoreceram o abaixamento de /e/ em contexto precedente da mesma forma que as alveolares e bilabiais em contexto seguinte;
- o abaixamento de /o/ foi favorecido pelas consoantes alveolares, palatais e labiodentais em contexto seguinte.

Consoante ao fator extralinguístico faixa etária, a autora detectou que houve um pequeno favorecimento da faixa etária mais velha para o alteamento tanto de /e/ como de /o/ apresentando um peso relativo de /e/: .557 e /o/ .595. Sobre o abaixamento, a faixa etária intermediária é a que mais utiliza, tendo um peso relativo de .672 para /e/ e de .639 para /o/ .

Por fim, concluiu que a realização das vogais médias pretônicas em Nova Venécia é, provavelmente, uma região de transição entre os dialetos do Sul e do Norte.

Viana (2008) analisou o comportamento das vogais médias pretônicas [e] e [o] na fala de Pará de Minas, Minas Gerais, na perspectiva variacionista. O *corpus* foi constituído por 36 informantes estratificados por sexo, faixa etária, classe social e estilo.

Nas análises das variáveis linguísticas da vogal média pretônica /o/, os fatores favorecedores para o alteamento foram:

- atonicidade permanente: pulícia, cumigo, dumingo, bunito, muleque;
- vogal tônica anterior: cumércio, juelho, Jusé, muchila, podia, durmi;
- sílabas travadas: custureira, costume, porque, durmindio, Agustinho;
- distância 2 da vogal tônica: atrupelado, sussegado, prucissão;
- consoante anterior em contexto precedente: almoçar, pulítico;
- consoante não coronal em contexto precedente: cumeçar, pulícia;
- consoante oclusiva em contexto precedente: duente, butina, cunversei;
- consoante fricativa em contexto precedente: fuguete, furniga, vuei;
- vogal em contexto seguinte: vuando, duente, tualha, pessual;
- consoantes posteriores em contexto seguinte: porque, cunhicia, gurdura;
- consoantes fricativas em contextos seguintes: porque, cozinha, murrido, sussegado, custura, governador, custelas, currida, pussível, costume;
- consoante nasal em contexto seguinte: cunversar, cunsigui;
- segmentos sonoros em contextos seguintes: cumecei, subrinhos, Jusé, cumigo;
- verbos: cunversar, adueceu, apusentei, cuntinuou, jugar.

Em relação ao abaixamento, os fatores favorecedores foram:

- as vogais baixas na sílaba tônica favorecem o abaixamento da vogal média pretônica: codorna, novela;
- as nasais em contexto seguinte favorecem o abaixamento: notinha;

- as fricativas, laterais e nasais em contexto seguinte, favorecem o abaixamento.

Sobre as análises de /e/, Viana constatou que os fatores favorecedores para o alteamento foram:

- nasalidade da pretônica: intão, entendeu, inquanto, ingraçadas, incostado, insinei, impresa, imprego, nenhum;
- atonicidade permanente: ricibo;
- vogal tônica anterior: sirviço, minino, ixiste, prifiro, aburricido, ispera, bibida, insino;
- vogal tônica posterior: iscola, isposa, imhora, ixplode, istudos, isgato, nenhum;
- vogal tônica alta: istuda, sirviço, bibida, insino, pirigo, minino, sigundo, iscuta;
- vogal tônica baixa: intão, istudar, infrentando, impenhando, isperando, dimais;
- vogal tônica nasal: sigurança, tistimunha;
- sílaba travada: istudar, ixplicar, distacando, isperando, dismaiado, isquina;
- distância 2 da sílaba tônica: isquadrilha, ingraçado, entendeu, istudar;
- consoante posterior no contexto precedente: dimais, desculpa, destacar;
- consoante coronal no contexto precedente: aprindi, disci;
- contexto precedente com nasal: minino, nenhum, cunhido, mixia, milhora;
- contexto precedente com tepe: aparicia, Aparicida, prciso, acridito, prifiro;
- contexto precedente com oclusiva: piquena, biliscão;
- pausa em contexto precedente: ixames, intão, imprego, intreguei, impresa;
- nasal em contexto seguinte: dimais, intão, impresa, minino, nenhum, sinhora;
- segmento sonoro em contexto seguinte: ingraxar, insinar;
- classe da palavra – outros: dimais, intão, inquanto, seguinte, imhora;
- classe da palavra – prefixos: sobrinome, disvalorizado, dismiricia.

Para o abaixamento de /e/, os fatores favorecedores foram:

- a vogal pretônica átona permanente;

- distância da vogal tônica – distância 1;
- contexto precedente – ponto 1, as consoantes posteriores;
- contexto seguinte – ponto 1, as consoantes anteriores;
- contexto seguinte – ponto 2, as coronais.

Viana observou, quanto à variação da vogal média /o/, no que tange ao sexo dos informantes, que homens e mulheres preferiram a manutenção, em seguida o alteamento e o abaixamento (com nível baixo de aparecimentos). Ressaltou que a faixa etária foi um fator importante para análise de seus dados. No processo de alteamento, a manutenção foi preferida por pessoas com mais de 60 anos – 76,7% – seguida pelos adultos de 30 a 50 anos – 75,8%. No processo de abaixamento, a manutenção foi preferida por adultos – 97,5% – seguida pelos idosos. O alteamento foi mais utilizado por jovens – 30% –, adultos de 30 a 50 anos – 24,2% – e idosos – 23,3%. O abaixamento, por sua vez, apresenta que jovens – 5,3% – e idosos – 3,2% – usam-no mais que os adultos – 2,5%. Quanto à escolaridade, a pesquisadora verificou que no processo de alteamento, a manutenção foi preferida por aqueles com ensino superior, enquanto, no processo de abaixamento, a manutenção foi preferida pelos analfabetos. No processo de alteamento, os analfabetos foram os que mais preferiram a variação; ao passo que no processo de abaixamento são os que mais mantêm a vogal média pretônica. Quanto à escolaridade, a preferência pela manutenção, seguida pelo alteamento e o abaixamento, foi comum aos três níveis de escolaridade. No processo de alteamento, a manutenção foi preferida pelos informantes com ensino superior; quanto ao abaixamento, a manutenção foi preferida pelos analfabetos. Os analfabetos, segundo a pesquisadora, preferiram a variação no processo de alteamento, enquanto no processo de abaixamento, foram os que mantiveram a vogal média pretônica. A preferência pela manutenção, seguida pelo alteamento e depois abaixamento, foi comum em ambas as classes sociais: média e trabalhadora baixa. O estilo

informal na variação de o ~ u apresentou maiores percentuais na pesquisa, embora a variação de o ~ o apresentou maiores ocorrências no estilo formal.

Sobre a variação de /e/, Viana observou que as mulheres são influenciadoras das variações e ~ i e/ou e ~ ε. Na variação de e ~ i, ocorreu um percentual similar ao dos homens, mas na variação de e ~ ε o percentual de abaixamento foi duas vezes maior que o dos homens (mulheres 47% e homens 22%). Portanto, os homens tenderam à manutenção. Na faixa etária, os jovens tiveram maior percentual de manutenção no processo de alteamento. Os idosos foram os que mais influenciaram o alteamento, contudo, foram os que menos influenciaram o processo de abaixamento. No processo de alteamento, a manutenção foi preferida por aqueles que tiveram ensino médio, ao passo que no processo de abaixamento ela foi preferida por aqueles que têm ensino superior. Os analfabetos são, de um lado, os inibidores da variação [e ~ i]; de outro lado, os influenciadores da variação e ~ ε. As duas classes sociais preferiram manter a vogal pretônica anterior. O alteamento foi maior na classe baixa média e o abaixamento teve maior ocorrência na classe baixa. Consoante ao estilo, o grupo foi excluído por causa das poucas ocorrências.

Diante do exposto, Viana observou que, nesse dialeto, o comportamento das vogais médias pretônicas configura-se por Difusão Lexical, pois, para o processo de alteamento tanto de /e/ como de /o/, o programa *Goldvarb* não eliminou nenhum informante, isto é, todos os informantes variaram ao menos uma vez. Já no processo de abaixamento, os informantes foram eliminados, visto que mantiveram categoricamente as vogais médias pretônicas. Isso significa que tanto os processos de alteamento quanto os de abaixamento de /e/ e de /o/ não se aplicaram a todo o léxico. Ora as palavras coexistiram alteradas ou não; ora apresentaram ambientes favorecedores da variação e não variam; ora apresentam ambientes desfavorecedores da variação e variam. Por exemplo:

- casos em que um determinado morfema apareceu, em um mesmo contexto, em duas composições fonéticas: detesto x detexto; aburricido x aburrecido;
- casos em que o ambiente tido como favorecedor de alteração e o item lexical não variou: amuleceu x amolador; novela x noventa; dibaixo x debate;
- casos em que o ambiente foi tido como desfavorecedor da alteração e o item lexical variou: aprovação x apruveitei.

Diante desses fatos, Viana concluiu, em relação ao falar de Pará de Minas, que houve um condicionamento lexical, pois, para os difusionistas, quem licencia a mudança não é o contexto e, sim, o léxico.

Demonstraremos, a seguir, o panorama estatístico sobre a ocorrência de alçamento das vogais pretônicas no PB analisado pelos estudiosos expostos anteriormente ¹⁴:

Estudo sobre vogais pretônicas no Brasil	e ~ i	%	Cidade
Mota (1979) ¹⁵	–	–	Ribeirópolis - SE
Bisol (1981) fala popular	1276/5743	22	Porto Alegre, Veranópolis, Taquara, Livramento - RS
Bisol (1981) fala culta	503/2364	21	
Viegas, 1987	871/2190	40	Belo Horizonte - MG
Bortoni, Gomes e Malvar (1992) ¹⁶	–	–	Brasília - DF
Freitas (2001)	529/2036	26	Bragança - PA
Célia (2004) ¹⁷	240/1714	14	Nova Venécia - ES
Viana (2008)	4012/10.679	37,5	Pará de Minas - MG

QUADRO 2 – Para a variável /e/ – ocorrência de alçamento

14 Delimitamos apenas o fenômeno alçamento de /e/ e de /o/ para comparar algumas conclusões desses trabalhos nesta pesquisa.

15 Não há dados estatísticos.

16 Apresenta estatisticamente a ocorrência do alçamento por cada variável.

17 Analisou o falar somente de mulheres.

Estudo sobre vogais pretônicas	o ~ u	%	Cidade
Mota (1979)	–	–	Ribeirópolis - SE
Bisol (1981) fala popular	1669/5261	32	Porto Alegre, Veranópolis, Taquara, Livramento - RS - RS
Bisol (1981) fala culta	465/2128	22	
Viegas (1987)	396/1741	22	Belo Horizonte - MG
Bortoni, Gomes e Malvar (1992) ¹⁸	–	–	Brasília - DF
Freitas (2001)	249/1781	14	Bragança - PA
Célia (2004)	259/1236	20	Nova Venécia - ES
Viana (2008)	1622/6509	25,6	Pará de Minas - MG

QUADRO 3 – Para a variável /o/ – ocorrência de alçamento

Nos quadros acima, pudemos observar que, estatisticamente, a realização do alçamento /e/ nos estudos de Bisol (1981) aproximou-se do alçamento analisado nos estudos de Freitas (2001). Em contrapartida, esses estudos distanciaram dos estudos de Viegas (1987) e Viana (2008). Diferentemente, o alçamento de /o/ nos estudos de Bisol aproximou-se do alçamento nas análises de Viana e distanciou dos estudos de Freitas.

Explicar semelhanças e diferenças sociais, culturais e linguísticas entre o alçamento de /e/ e de /o/ nessas pesquisas, necessitaria de um estudo sociolinguístico mais amplo. Portanto, o objetivo desses quadros é apenas mostrar as semelhanças e diferenças estatísticas nas realizações do alçamento de algumas regiões do Brasil.

¹⁸ Apresenta estatisticamente a ocorrência do alçamento por cada variável.

3 Metodologia

Neste capítulo, apresentaremos o tipo de pesquisa e o modelo de experimento, bem como a Sociolinguística Variacionista. Em seguida, caracterizaremos a cidade pesquisada no tocante aos dados do IBGE, revistas que abordam a história de Ituiutaba, sítios oficiais do município, dissertações e livros que retratam essa temática.

3.1 Tipo de pesquisa e modelo de experimento

A metodologia em que se baseia esta pesquisa analítico-descritiva é a Sociolinguística Variacionista Laboviana, de Labov (2008). Com o objetivo de descrever o estado atual do alicamento das vogais médias pretônicas no falar Ituiutabano, adotamos apenas a língua falada em tempo aparente para esta pesquisa. O tempo aparente, na pesquisa sociolinguística, caracteriza-se por um recorte da comunidade linguística atual em diferentes faixas etárias, sexo e escolaridade. Esses fatores, posteriormente, serão cruzados com o fenômeno linguístico pesquisado.

3.1.1 Sociolinguística Variacionista

O objetivo principal da Sociolinguística Variacionista é estudar a língua em seu uso em uma determinada comunidade linguística, bem como analisar a complexa relação entre língua, cultura e sociedade. Essa teoria confronta-se com correntes linguísticas anteriores, estruturalismo e gerativismo, visto que estruturalistas e gerativistas não incluíam em suas análises a variação existente nas línguas, assim como aspectos extralinguísticos influenciadores dessa variação. Foi William Labov quem impulsionou, a partir de seus estudos com comunidades de fala, a Sociolinguística Variacionista.

Labov defendeu que a mudança e a variação linguística são impossíveis de serem compreendidas desconectadas do meio social e cultural. Nessa teoria, propõe que fenômenos linguísticos estão interligados aos indivíduos de uma comunidade linguística e distribuídos em grupos sociais. Nesse sentido, Labov (2008) argumenta que [...] *as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.* (LABOV, 2008, p. 21).

Para a fundamentação dos argumentos supramencionados, Labov pautou-se em três favoráveis trabalhos, que se tornaram parâmetros para pesquisas sociolinguísticas variacionistas. O primeiro estudo foi a estratificação social do [r] pós-vocálico na cidade de New York; o segundo estudo foi realizado com nativos da ilha Martha's Vineyard, Massachusetts, em que o autor observa a pronúncia dos ditongos [ay] e [aw] do inglês; o terceiro foi feito com adolescentes negros do Harlem, New York, investigando o apagamento da cópula na pronúncia desses falantes.

Para uma pesquisa Sociolinguística Variacionista, segundo Labov (2008), é necessário, inicialmente, observar [...] *um item seja freqüente, que ocorra tão reiteradamente*

no curso de uma conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não-estruturados e de entrevistas curtas. (LABOV, 2008, p. 26).

A constituição do *corpus* de uma pesquisa sociolinguística variacionista é por meio da coleta de dados da fala espontânea de um número considerável de informantes. Sendo a busca do vernáculo o objeto de estudo da sociolinguística, são realizadas perguntas em que os informantes produzem narrativas de experiência pessoal para que esses realizem um discurso mais espontâneo e informal. Os informantes são estratificados por grupos sociais – sexo, faixa etária, escolaridade; grupos étnicos; localização geográfica; nível econômico (não utilizado em pesquisas atuais), dentre outros.

Detectada a variável linguística a ser estudada, o pesquisador elabora fatores linguísticos e extralinguísticos que possam interferir na realização dessa variável em uma determinada comunidade de fala. Um exemplo de fator de linguístico é o tipo da vogal subsequente (alta, média, média baixa, baixa) à vogal média pretônica. Fatores extralinguísticos são os aspectos sociais dos indivíduos - sexo, faixa, escolaridade, etária, etnia, dentre outros.

Com os dados coletados e as variáveis delimitadas, o linguista faz a transcrição ortográfica desses dados, realiza a codificação, a análise estatística e, por fim, a descrição e a interpretação dos resultados estatísticos.

3.2 Contexto da pesquisa

3.2.1 Área geográfica de Ituiutaba

A pesquisa foi desenvolvida com informantes da cidade de Ituiutaba, cidade localizada na microrregião do Pontal do Triângulo Mineiro. A seguir, os respectivos mapas das

microrregiões do Estado de Minas Gerais, do Pontal do Triângulo Mineiro e da região urbana de Ituiutaba.

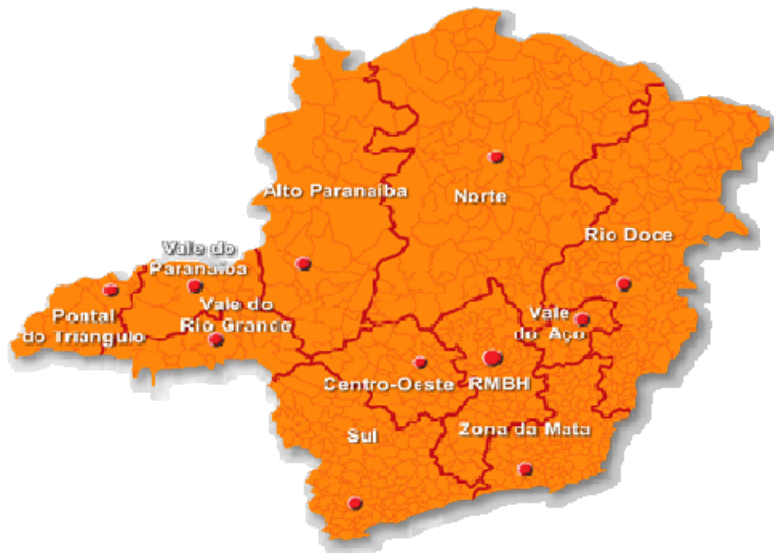


FIGURA 6 – Mapa das microrregiões de Minas Gerais
 FONTE: <http://www.bdmg.mg.gov.br/entidades/images/mapas/mapa_fiemggif>

Conforme a figura abaixo, o município a ser pesquisado é o município número 05:



FIGURA 7 – Mapa da Microrregião Triângulo Mineiro e localização de Ituiutaba
 FONTE: <<http://webcarta.net/carta/mapas/10472.jpg>>

Abaixo, tem-se o mapa urbano da cidade a ser pesquisada:

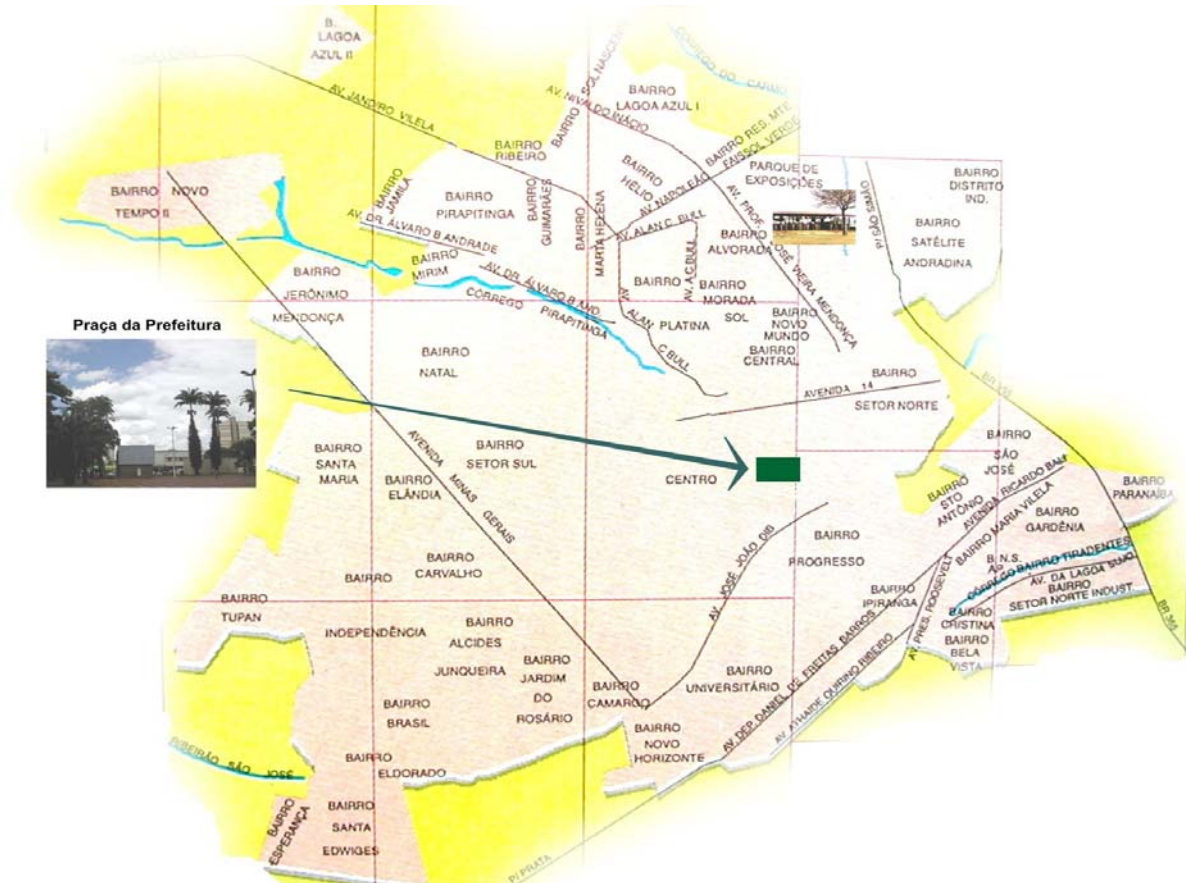


FIGURA 8 – Mapa urbano de Ituiutaba, Minas Gerais
 FONTE: <<http://www.ituiutaba.mg.gov.br/images/itba-mapa-hires.jpg>>

3.2.2 Ituiutaba¹⁹

Ituiutaba, antes de ser invadida pelos sertanejos, era uma região habitada por índios Caiapós (ameríndios do grupo Gê-bugres) – não há dados científicos que comprovem que realmente era esse grupo indígena que habitava essa região. No início do século XIX, no ano de 1820, dois sertanejos – Joaquim Antônio de Moraes e José da Silva Ramos – chegaram a

¹⁹ Cf. Centenário, 2001. Lançamento do livro *O centenário* em comemoração aos cem anos de emancipação.

essa cidade, ambos vindos do Sul de Minas. Após grandes lutas e batalhas com os índios, os sertanejos e seus companheiros conseguiram expulsar *os verdadeiros donos da terra* e permaneceram na região. Nesse sentido, Ferreira (2007) argumentou que os vários exploradores que passavam pela região consideravam Ituiutaba como fértil e inexplorada, fato que atraía várias pessoas de várias regiões do país e de outros países.

Petraglia (1953) relatou que italianos chegaram a Ituiutaba no início do século XIX, porém, a permanência deles nessa cidade durou até o início do século XIX. Esses italianos vieram com profissões e nomes definidos, prestando grandes serviços para a cidade, tais como na construção de igrejas católicas, na liderança religiosa, assim como em movimentos políticos, medicina e construções civis.

No final do século XIX, São José do Tijuco (nome de Ituiutaba daquela época), recebia o primeiro representante da colônia sírio-libanesa, Miguel Zacarias. Logo depois, atraído pela vinda de Miguel a Ituiutaba, Abrão Calil chegou com sua família, que, de forma efetiva, colaborou para o crescimento comercial de Ituiutaba²⁰.

Diante disso, a cidade foi crescendo nos primeiros vinte anos do século XIX e novas famílias sírio-libanesas vieram para essa cidade, atraídas pela exuberante “fama” econômica, pela capacidade comercial da região e pela riqueza do solo. Outras pessoas vieram por meio de convites feitos pelas famílias residentes na cidade. Cabe ressaltar, portanto, que os primeiros estabelecimentos industriais da cidade foram de iniciativa da colônia sírio-libanesa.

A cidade teve vários nomes no decorrer de sua história: Campanhas do Tejuco, Capela de São José do Tijuco, Distrito de São José do Tejuco, Curato de São José e Freguesia de São José do Tejuco²¹. A chegada do Padre Ângelo Tardio Bruno, com intuito de paróquiar a Freguesia de São José do Tejuco, impeliu o progresso. Assim sendo, a região passou a ser Vila Platina em 16 de setembro de 1901, data da emancipação da cidade. Em 1915, o ilustre

20 Cf. Revista *Acaiaca*, 1953.

21 As palavras *Tejuco* e *Tijuco* são escritas de acordo com o material bibliográfico utilizado, e são encontradas de ambas as formas.

Senador Camilo Chaves criou o topônimo ameríndio: ITUIUTABA, neologismo que significa “Povoação do Rio Tijuco”: IG = rio, TUYU = tijuco (lama) e TABA = povoação.

Entre 1940 e 1960, Ituiutaba recebeu uma grande quantidade de migrantes nordestinos, principalmente do Rio Grande Norte e Paraíba, com intuito de trabalhar na lavoura, pois, naquela época, Ituiutaba era considerada “Capital do Arroz”. Com a construção da usina de álcool, Triálcool, na década de 1980, o município passou por várias transformações; contudo, a migração nordestina permanecia.

Atualmente, com 109 anos de emancipação, Ituiutaba tem aproximadamente 97.159 habitantes (IBGE, 2010) e é considerada um pólo regional, atendendo com serviços variados (nos setores do comércio, indústria, educação e prestação de serviços) na região do Pontal do Triângulo Mineiro. Referência pode ser feita pelos municípios de Capinópolis, Santa Vitória, Gurinhatã, Ipiacu, Centralina, Canápolis e Cachoeira Dourada de Minas como cidades limítrofes dessa região.

Ituiutaba localiza-se a 683 quilômetros da capital Belo Horizonte, situando-se no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, especificamente no centro-oeste do Triângulo, e seu gentílico é ituiutabano ou tijucano. A área desse município é de 2.587.339 Km², e localiza-se em uma região banhada pelos rios Tijuco, Prata e bacia do Rio Paranaíba. A cidade é fronteira com o Estado de Goiás.

As condições climáticas, relevo e recursos hídricos, que favoreceram as atividades agrícolas, pecuárias e agroindustriais, fizeram com que Ituiutaba transformasse-se em um pólo regional. Hoje, destaca-se também pela qualidade no tratamento da água, com certificado internacional ISO 9002. Na cidade, destacam-se, ainda, a existência da unidade multinacional Nestlé, que é a maior da América Latina em fabricação de leite em pó, o frigorífico Grupo JBS – Friboi, umas das maiores empresas de abate e exportação animal do país, e as indústrias de bioenergia. O PIB dessa região é aproximadamente R\$ 1.326.391,626 (IBGE, 2008).

Em 2008, esse município foi beneficiado com um grande projeto de uma usina sucroalcooleira: Ituiutaba Bioenergia – Grupo Santa Elisa da CNAA (Companhia Nacional de Açúcar e Álcool), que movimentou consideravelmente a cidade, gerando em torno de cinco mil empregos diretos, atraindo a vinda de trabalhadores de várias partes do Brasil.

É importante salientar que, no que tange à educação, Ituiutaba tem, desde a década de 1970, duas instituições de ensino superior – Faculdade Triângulo Mineiro (FTM) e Fundação Educacional de Ituiutaba-Universidade do Estado de Minas Gerais (FEIT-UEMG) –, sendo a primeira delas estritamente particular e a segunda, há 20 anos, tornou-se um *campus* fundacional associado à Universidade do Estado de Minas Gerais. Sediou em 2008 um *campus* avançado da Universidade Federal de Uberlândia, *Campus* do Pontal, em que foi implantada a FACIP – Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, com nove cursos superiores, garantindo-se, assim, mais qualidade à educação dessa região. Com a implantação do CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica, IFTM – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, Ituiutaba destacou-se mais ainda no setor educacional, com oferecimento de ensino técnico profissionalizante federal.

3.2.3 Constituição da amostra

Antes da realização das entrevistas, o *corpus* desta pesquisa foi projetado com 36 informantes, pelo método aleatório estratificado. Todavia, houve uma reformulação na variável escolaridade devido à quase inexistência de pessoas com escolaridade entre 0-4 anos de estudos, principalmente homens, que sempre moraram neste município. Anteriormente, o fator escolaridade foi constituído em três células: 0-4 anos, 5-11 anos e mais de 11 anos, composto por dois informantes em cada. Atualmente, esse fator apresenta-se apenas com duas células: 0-11 e mais de 11. Devido a isso, houve a redução de informantes, de 36 para 24,

sendo 12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Quanto às variáveis faixa etária e sexo, não houve alterações. Cada grupo de informantes (sexo masculino e feminino) foi dividido de acordo com a esquematização abaixo. Os informantes selecionados são nascidos na cidade ou nela chegaram até os cinco anos de idade, não se ausentando da cidade por tempo superior a dois anos. A esquematização da amostra é assim organizada:

Total	Sexo	Escolaridade (anos de estudo)	Faixa etária
24	(12) FEMININO	0-11 e mais de 11	15 a 25 anos
	(12) MASCULINO		26 a 49 anos Acima de 49

QUADRO 4 – Estratificação por sexo, escolaridade e faixa etária

Nos quadros 5 e 6, é apresentada a divisão das células extralinguísticas do município, caracterizando-se o número exato de informantes que compõem esta pesquisa:

FEMININO	0 a 11 anos de estudo	15 a 25 anos de idade	INFORMANTE 1
			INFORMANTE 2
		26 a 49 anos de idade	INFORMANTE 3
			INFORMANTE 4
		Acima de 49 anos de idade	INFORMANTE 5
			INFORMANTE 6
	Mais de 11 anos de estudo	15 a 25 anos de idade	INFORMANTE 7
			INFORMANTE 8
		26 a 49 anos de idade	INFORMANTE 9
			INFORMANTE 10
		Acima de 49 anos de idade	INFORMANTE 11
			INFORMANTE 12

QUADRO 5 – SEXO FEMININO – Distribuição dos informantes

MASCULINO	0 a 11 anos de estudo	15 a 24 anos de idade	INFORMANTE 1
			INFORMANTE 2
		25 a 49 anos de idade	INFORMANTE 3
			INFORMANTE 4
		Acima de 49 anos de idade	INFORMANTE 5
			INFORMANTE 6
	Mais de 11 anos de estudo	15 a 24 anos de idade	INFORMANTE 7
			INFORMANTE 8
		25 a 49 anos de idade	INFORMANTE 9
			INFORMANTE 10
		Acima de 49 anos de idade	INFORMANTE 11
			INFORMANTE 12

QUADRO 6 – SEXO MASCULINO – Distribuição dos informantes

3.3 Definição das variáveis

3.3.1 Variável dependente

Segundo Mollica (2007), a variação linguística é um fenômeno que ocorre em todas as línguas do mundo. Dessa forma, subentende-se que as formas linguísticas são alternantes que, por sua vez, são denominadas variantes. Essa autora conceitua *variantes como as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente*. (MOLLICA, 2007, p. 10-11).

Nesse sentido, a presente pesquisa constitui como variável dependente o alicamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na comunidade urbana de Ituiutaba, Minas Gerais. A delimitação dessa variável dependente ocorre devido ao fato de as vogais médias pretônicas serem um dos maiores pontos de divergência dialetal no Português Brasileiro. Foram descritas e analisadas duas variantes das vogais médias pretônicas, /e/ e /o/:

- [i] e [u]: realização alçada;
- [e] e [o]: realização não alçada.

Para esta pesquisa, foram delimitados para o estudo apenas os nomes.

3.3.2 Variáveis independentes

Consoante Mollica (2007), uma variável é formada como dependente a partir da influência das **Variáveis Independentes**. Variáveis independentes, segundo essa autora, é um grupo de fatores caracterizado social ou estruturalmente. Essas variáveis *podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência*. (MOLLICA, 2007, p. 11).

3.3.2.1 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas são de natureza estrutural de uma língua. Adiante, elencaremos as variáveis linguísticas delimitadas para a interpretação do fenômeno pesquisado.

3.3.2.1.1 Distância da tônica

Essa variável indica a posição da vogal na palavra em relação à vogal tônica. Portanto, Os fatores seguidos vão de 1 a 4, sendo 1 o grau de maior aproximação entre as vogais tônica e a pretônica:

- a) (1) **per**diz, **bot**ina;
- b) (2) **aper**itivo, **comp**licado;
- c) (3) **religi**ão, **almoxari**fado;
- d) (4 ou mais) **especiali**dade, **responsabi**lidade.

3.3.2.1.2 Tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica

- Aberta: (CV): **pequeno**, **boneca**;
- Fechada: (CVC e CVN): **oportu**nidade, **verdura**, **sentido**, **conquista**.

3.3.2.1.3 Vogal da sílaba precedente

Verificamos o efeito da altura da vogal precedente sobre o comportamento das vogais médias pretônicas. Os fatores a serem seguidos foram:

- 1) Vogal alta – **remunerado**, **microfone**;
- 2) Vogal média – **reflexão**, **rodoviária**;

- 3) Vogal baixa – gasolina, **atolado**;
- 4) Nasal – **impossível**, **conservatório**;
- 5) Vogal média pretônica na primeira sílaba.

3.3.2.1.4 Vogal da sílaba tônica

Essa variável foi estabelecida da seguinte forma:

- a) Vogal alta: **menino**, bonito, **fortuna**;
- b) Vogal média alta: pequeno, **gostoso**;
- c) Vogal média baixa: boneca e **colóquio**;
- d) Vogal baixa: melado, **pomada**;
- e) Nasal: **comportamento**.

3.3.2.1.5 Contexto fonológico precedente

As consoantes que acompanham as vogais médias pretônicas podem influenciar na variação das vogais pretônicas, uma vez que o ponto de articulação e o modo de articulação dos segmentos consonantais podem favorecer ou inibir o alçamento dessas vogais. Portanto, consideramos o seguinte contexto fonológico precedente:

➤ **Articulação da consoante precedente**

Ponto

- Labial: **menino**, **felicidade**;
- Coronal: **dentista**, **chocalho**;
- Dorsal: comprimento, **governo**;

Modo

- Contínuo: **f**ormiga, **v**estido;
- Não-contínuo: **m**oleque, **c**oberta.

3.3.2.1.6 Contexto fonológico seguinte➤ **Articulação da consoante seguinte****Ponto**

- Labial: **com**primento, **sem**estre;
- Coronal: **dent**ista, **feliz**;
- Dorsal: **pequ**eno, **fog**ão;

Modo

- Contínuo: **refer**ido, **evangel**ho;
- Não-contínuo: **mole**que, **foguete**.

3.3.2.1.7 Nasalidade

Segundo Bisol (1981), a nasalidade provoca a mudança de timbre das vogais nasalizadas e, por conseguinte, variações da vogal média pretônica. Em razão disso, verificaremos as vogais médias pretônicas em:

- Oral: **tele**fone, **atol**ado;
- Nasal: **men**sagem, **com**primento.

3.3.2.2 Variáveis extralinguísticas

Variáveis extralinguísticas, de acordo com Mollica (2007), são o grupo de fatores de cunho social, isto é, de natureza externa à língua, que exerce *pressão sobre os usos, diminuindo ou aumentando sua frequência de ocorrência*. (MOLLICA, 2007, p. 11). Consideramos três variáveis extralinguísticas: sexo, faixa etária e escolaridade.

3.3.2.2.1 Sexo: feminino e masculino

Conforme Paiva (2007), a variável sexo é favorável para o comportamento linguístico, porque homens e mulheres, além de terem tons de voz diferentes, apresentam também um vocabulário próprio, isto é, parecem ter um grupo natural de palavras específicas para cada sexo. Portanto, é possível dizer que as diversidades entre a fala de homens e mulheres são de caráter lexical, isto é, algumas palavras parecem ser naturalmente pertencentes ao masculino ou ao feminino.

3.3.2.2.2 Faixa etária: 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima 49 anos

Dividimos a faixa etária em 15-25, 26-49 e acima de 49. A variável faixa etária é importante para a investigação de variação e mudança linguística, pois essa variável mostrará, mais precisamente, a configuração de um fenômeno linguístico em cada fase do ser humano.

3.3.2.2.3 Grau de escolaridade

Para este trabalho, o grau de escolaridade foi dividido em anos de estudos: 0 a 11 e mais de 11. Essa variável tem se apresentado importante no desempenho linguístico dos falantes em relação ao uso de uma determinada variante. Estudos sociolinguísticos mostram que falantes mais escolarizados, considerados socialmente prestigiados, tendem a usar a norma urbana de prestígio devido ao maior contato com a língua escrita, enquanto que os menos escolarizados empregam outras variantes. Nessa condição, investigaremos se o grau de escolaridade interfere ou não no alçamento das vogais médias pretônicas dessa região.

3.4 Coleta, codificação dos dados e o *software Goldvarb*

3.4.1 Coleta dos dados

Foram coletadas 24 entrevistas no período de janeiro de 2009 a outubro de 2009. Para a transcrição ortográfica dessas entrevistas, foram seguidas as normas propostas pelo VALPB (Variação Linguística da Paraíba). O VALPB é um projeto, iniciado em 1993, coordenado pelo professor doutor Dermeval da Hora Oliveira que visa mapear, entender e trabalhar o falar da cidade de João Pessoa em seus diversos aspectos.

Para a coleta de dados desta pesquisa, utilizamos gravação da fala dos informantes com o instrumento MP4, bem como fichas sociais para a catalogação do número de cada informante. Das fichas, constam: data em que foi realizada a entrevista, seu tempo de duração, local, idade, sexo e faixa etária do informante.

Em um primeiro momento, o informante foi contatado em domicílio para o preenchimento da ficha social e agendamento do dia em que poderia conceder a entrevista

(alguns aceitaram fazer a entrevista de imediato). O tipo de entrevista foi narrativa livre, em que o informante foi abordado por perguntas referentes a assuntos pessoais, religiosos, leituras, mídia, preconceitos e educação, dentre outros temas que surgiram no contexto da entrevista com cada informante. As gravações variaram de 30 a 40 minutos e todas foram realizadas nas casas dos informantes.

Os dados de fala da cidade de Ituiutaba constituíram parcialmente o banco de dados do Instituto. O total, em horas, aproximado das entrevistas foi de quinze horas. Cada entrevista foi transcrita ortograficamente pela pesquisadora de acordo com o falar de cada informante, seguindo as normas técnicas do VALPB. Na transcrição, a pesquisadora não focou apenas as realizações de alçamento e não alçamento, mas também outros fenômenos linguísticos, por exemplo, elisão, ausência de concordância, apagamento, etc.

Cada entrevista transcrita gerou aproximadamente doze laudas. Utilizei o programa *Word* com fonte *times new roman*, tamanho 12; espaço simples; folha A4 e margens: superior e esquerda 3; inferior e direita 2 dando um total aproximado de 288 laudas.

3.4.2 Codificação dos dados

Nos quadros abaixo, apresentaremos os códigos das variáveis linguísticas, extralinguísticas, bem como a codificação de cada informante. Utilizei 14 códigos para cada palavra, num total de códigos de todas as palavras selecionadas de 30.002 códigos.

<p><u>1 Variável dependente</u></p> <p>Alçamento de /e/ – 1</p> <p>Alçamento de /o/ – 2</p> <p>Não alçamento de /e/ – 0</p> <p>Não alçamento de /o/ – 3</p>	<p><u>Contexto fonológico precedente</u></p> <p><u>6 Ponto</u></p> <p>Labial – l</p> <p>Coronal – t</p> <p>Dorsal – k</p>
<p>Variáveis independentes</p> <p><u>2 Distância da tônica</u></p> <p>1, 2, 3, 4</p> <p><u>3 Tipo de Sílabas vogal média</u></p> <p>Aberta – b</p> <p>Fechada – f</p> <p><u>4 Vogal da sílaba precedente</u></p> <p>Vogal alta – a</p> <p>Vogal média – m</p> <p>Vogal baixa – b</p> <p>Nenhuma – 4</p> <p>Nasal – n</p> <p><u>5 Vogal da sílaba tônica</u></p> <p>Vogal alta – i</p> <p>Vogal média alta – o</p> <p>Vogal média baixa – v</p> <p>Vogal baixa – 4</p> <p>Nasal – n</p>	<p><u>7 Modo</u></p> <p>Contínuo – c</p> <p>Não contínuo – v</p> <p><u>Contexto fonológico seguinte</u></p> <p><u>8 Ponto</u></p> <p>Labial – m</p> <p>Coronal – g</p> <p>Dorsal d</p> <p><u>9 Modo</u></p> <p>Contínuo – j</p> <p>Não contínuo – n</p> <p><u>10 Nasalidade</u></p> <p>Oral – o</p> <p>Nasal – m</p>

<u>11 Código do informante</u>	<u>Variáveis extralinguísticas</u>
1m5z	<u>12 Sexo</u>
2m5z	Feminino – f
3m5e	Masculino – m
4m5e	
5f5z	<u>13 Faixa etária</u>
6f5z	15-25 – 5
7f5e	26-49 – 9
8f5e	+50 – 0
9m9z	
wm9e	<u>14 Grau de escolaridade</u>
lm9z	0 -11 – z
km9e	+ 11 – e
cf9e	
af9e	
ff9z	
sf9z	
gm0z	
em0e	
bm0e	
nm0z	
rf0z	
yf0z	
zf0e	
of0e	

3.4.3 O software *Goldvarb*

O *Goldvarb* é um programa computacional de análise multivariada de dados estatísticos muito utilizado em pesquisas sociolinguísticas. Esse programa é uma versão recente do *Varbrul* desenvolvido na Universidade de York, como um projeto colaborativo

entre o Departamento de Língua e Linguística e o Departamento de Ciências da Computação (ROBINSON, LAWRENCE, TAGLIAMONTE, 2001).

Para a realização da análise computacional, primeiramente são feitas codificações dos dados, observando-se as ocorrências da variável dependente aliadas às variáveis linguísticas e extralinguísticas (variáveis independentes). Computados os dados, o *Goldvarb* mostra ao pesquisador, estatisticamente, as variáveis independentes favoráveis e desfavoráveis na produção do fenômeno linguístico, as frequências (porcentagem) do uso e do peso relativo em relação à variável dependente pesquisada.

O Programa realiza uma seleção de fatores em que apresenta a porcentagem de aplicação da regra da variável dependente para cada fator de cada variável. Essa etapa é a análise unidimensional do GoldVarb. Os resultados são apresentados em colunas sendo as três primeiras em porcentagem - primeira o grupo da variável linguística, a segunda a aplicação da regra, terceira é a não aplicação da regra. A quarta coluna é o total de ocorrências dos contextos prováveis para a aplicação do fenômeno linguístico pesquisado.

A próxima etapa do Programa é a análise multidimensional. Nesta etapa são apresentados os pesos relativos e o nível de significância. Os pesos relativos próximos de 1.0 são favoráveis à aplicação da regra, os próximos a .0 são inibidores e os próximos de .50 são neutros. Optamos por considerar a variável favorável para a aplicação da regra a partir de .55 pois essa esfera numérica está mais próxima à aplicação da regra e distante do ponto neutro que é .50.

O nível de significância mostra se os resultados apresentados são de fato verdadeiros ou não. Por exemplo, se o nível de significância for de 0.005, isso significa que a margem de erro é apenas de 5% e 95% do resultado apresentado pelo Programa seja verdadeiro. Uma seleção é considerada ideal quando apresenta um nível de significância 0.000, pois ele representa uma certeza estatística de que os valores gerados pelo modelo estão adequados aos

valores observados. Como trabalha com níveis diversos de análises, o programa efetua comparações entre os valores probabilísticos atribuídos aos fatores das variáveis cujos cálculos são descritos mediante dois processos: o *step-up*, em que o programa escolhe as variáveis mais favoráveis e o *step-down*, que verifica se as variáveis não selecionadas são também eliminadas.

4 Análise estatística e discussão dos resultados

Neste capítulo, serão expostos os resultados estatísticos obtidos por meio do Programa *Goldvarb* sobre o alçamento das vogais médias pretônicas. Esses resultados possibilitaram descrever e discutir a atuação das variáveis linguísticas e extralinguísticas na atuação do fenômeno fonológico em estudo.

As amostras submetidas ao Programa totalizaram 2143 dados (Tabela 2, a seguir), sendo que 1514 são ocorrências da vogal média /e/ e 629 da vogal média /o/. Houve 218 ocorrências de alçamento de /e/ e 233 ocorrências de alçamento de /o/:

TABELA 2

Resultado total do alçamento das vogais médias pretônicas

Vogais médias pretônicas	Total de alçamentos / Total de ocorrências	% Alçamento
/e/	218/1514	14
/o/	233/629	37

Das 24 entrevistas realizadas no Pontal do Triângulo Mineiro, 14% dos dados obtidos são referentes à realização do alçamento de /e/ e 37% desses dados referem-se ao alçamento /o/. Diante desses resultados, verificamos que, no falar Ituiutabano, houve mais realização do

alçamento de /o/ do que de /e/, tendo uma diferença percentual considerável entre as duas variáveis de 23%.

A seguir, nas Tabelas 3 e 4, apresentaremos o alçamento das vogais médias pretônicas de /e/ e /o/, respectivamente, no falar Ituiutabano, relacionando-o a resultados de alguns falares do Brasil:

TABELA 3

Estatística sobre o alçamento da vogal média pretônica /e/ no Brasil

Estudo sobre vogais pretônicas no Brasil	e ~ i	%	Cidade
Bisol (1981) fala popular	1276/5743	22	Porto Alegre, Veranópolis, Taquara, Livramento - RS
Bisol (1981) fala culta	503/2364	21	
Viegas (1987)	871/2190	40	Belo Horizonte - MG
Freitas (2001)	529/2036	26	Bragança - PA
Viana (2008)	4012/10.679	37,5	Pará de Minas - MG
Graebin (2008)	972/3683	26	Formosa - GO
Silveira (2008)	297/2246	13	São José do Rio Preto - SP
Esta pesquisa	218/1514	14	Ituiutaba - MG

TABELA 4

Estatística sobre o alçamento da vogal média pretônica /o/ no Brasil

Estudo sobre vogais pretônicas	o ~ u	%	Cidade
Bisol (1981) fala popular	1669/5261	32	Porto Alegre, Veranópolis, Taquara, Livramento - RS
Bisol (1981) fala culta	465/2128	22	
Viegas (1987)	396/1741	22	Belo Horizonte - MG
Freitas (2001)	249/1781	14	Bragança - PA
Viana (2008)	1622/6509	25,6	Pará de Minas - MG
Graebin (2008)	663/2863	23	Formosa - GO
Silveira (2008)	297/2246	14	São José do Rio Preto - SP
Esta pesquisa	233/629	37	Ituiutaba - MG

Nas Tabelas acima, observamos que o alçamento de /e/ no falar Ituiutabano está estatisticamente próximo aos dados do falar de São José do Rio Preto - SP, analisados por Silveira (2008), e dos dados do Sul, analisados por Bisol (1981) tanto na fala popular como na fala culta. Os dados de Silveira mostraram que 13% dos informantes alçaram /e/, porcentagem bem aproximada com a estatística do falar Ituiutabano. As análises de Bisol revelam que 22% da fala popular e 21% da fala culta realizam alçamento. Esses resultados aproximam-se também dos resultados do falar Ituiutabano, porém, com uma diferença estatística maior, se comparada aos dados do falar de São José do Rio Preto - SP.

Em comparação aos dados de Belo Horizonte e Pará de Minas – cidades pertencentes à mesorregião metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais – os resultados estatísticos do falar Ituiutabano distanciam-se dos resultados desses falares. Os estudos de Viegas (1987)

sobre o alçamento de /e/ mostraram que 40% dos informantes realizaram o alçamento. Com porcentagem próxima aos dados de Belo Horizonte, 37,5% dos informantes de Pará de Minas realizaram alçamento.

Diante desses fatos, notamos que o alçamento de /e/ assemelhou-se mais com o falar de São José do Rio Preto - SP do que com os falares da mesorregião metropolitana de Belo Horizonte. Isto é, Ituiutaba é uma cidade mais próxima a estados limítrofes como Goiás, São Paulo e Mato Grosso do Sul do que à região metropolitana de Belo Horizonte; portanto, essa proximidade linguística do falar Ituiutabano com o falar de São José do Rio Preto deve-se, também, pela proximidade geográfica entre as regiões.

Com relação à vogal média pretônica /o/, notamos que o alçamento de /o/ não se aproximou dos resultados da mesorregião metropolitana de Belo Horizonte e tem uma diferença de 23% a menos do resultado do Noroeste Paulista. Diferentemente dos dados de /e/, o alçamento de /o/ no falar Ituiutabano não se assemelhou do interior de São Paulo nem da região metropolitana de Belo Horizonte. Explicar as semelhanças e diferenças no alçamento de /e/ e de /o/ em comparação a essas regiões, necessitaria de um estudo sociolinguístico mais amplo, não envolvendo apenas aspectos estatísticos, mas fatores sociais, étnicos, culturais que possam fundamentar, mais precisamente, essas semelhanças e diferenças na realização do alçamento.

As análises estatísticas do alçamento de /o/ mostraram que 37 % dos informantes de Ituiutaba alçaram essa vogal média pretônica. Essa porcentagem aproximou-se do resultado de Bisol (1981) – 32% – no que tange à fala popular. É importante ressaltar que Ituiutaba foi urbanizada por sírio-libaneses (comerciantes e fazendeiros) e italianos (boa parte, líderes religiosos e trabalhadores do campo). Esse fato pode ser um fator que explica a proximidade dos resultados dessa pesquisa com os resultados de Bisol que, por sua vez, analisou o falar de cidades colonizadas por estrangeiros (europeus). Todavia, não analisamos a possibilidade de

interferências de outras línguas e perspectivas históricas – colônias estrangeiras – neste trabalho. Isso também demandaria um estudo sociolinguístico mais aprofundado.

A seguir, mostraremos os resultados do alçamento de /e/ e de /o/ em seções separadas.

4.1 O alçamento da vogal média /e/

As rodadas de *stepping up* e *stepping down* permitiram que o Programa *Goldvarb* selecionasse as variáveis que favorecem ou desfavorecem o alçamento de /e/ no falar Ituiutabano. Assim sendo, as variáveis estatisticamente favoráveis para o Programa foram:

Variáveis linguísticas:

- a) vogal da sílaba tônica;
- b) contexto fonológico seguinte: modo de articulação;
- c) contexto fonológico seguinte: ponto de articulação;
- d) vogal média pretônica na primeira sílaba;
- e) contexto fonológico seguinte: ponto de articulação;
- f) distância da sílaba tônica.

As variáveis desfavoráveis foram:

Variáveis extralinguísticas:

- a) faixa etária;
- b) sexo;
- c) grau de escolaridade.

E as linguísticas:

- a) nasalidade;
- b) tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica;
- c) contexto fonológico precedente.

4.1.1 Variáveis linguísticas favoráveis

Apresentaremos, nesta seção, as variáveis favoráveis selecionadas pelo Programa *Goldvarb* na ordem de importância.

4.1.1.1 Vogal da sílaba tônica

A variável vogal da sílaba tônica foi selecionada pelo Programa como a variável mais favorável para o alçamento de /e/. Na Tabela 5, estão os resultados referentes a essa variável:

TABELA 5

Vogal da sílaba tônica

Vogal da sílaba tônica	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Vogal alta	145/250	37	.85
Vogal média alta	17/505	3	.25
Nasal	51/440	11,5	.52
Vogal baixa	5/174	3	.22
Vogal média baixa	53/93	57	.92

Input: 0.107

Significance: 0.000

Constatamos que houve um alto índice de alçamento quando a vogal tônica é uma vogal média baixa com peso relativo de .92 – como, por exemplo, em *sinhora* e *simestre*. Em seguida, a realização do alçamento foi frequente com vogal alta na sílaba tônica com peso

relativo de .83. Esse alto índice de alçamento de /e/, tendo a vogal média com sílaba tônica, ocorreu pelo uso frequente do item *sinhōra* (47 vezes de 53 ocorrências) pelos informantes.

É importante destacar que esses itens realizaram-se com grande frequência de forma alçada, pois, segundo Bisol (1981) a nasalidade favorece o alçamento de /e/. Porém, alguns itens apresentaram-se de forma não alçada independente do assunto em que foram empregadas, por exemplo, “Nossa Senhora da Aparicida” x “Nossa Senhora” (aspecto religioso); “sinhora x senhora” (tratamento familiar).

Devido ao alto índice de ocorrências dos itens *sinhōra* e *simestre*, fizemos uma segunda rodada dos dados. As demais variáveis foram analisadas sem os itens mencionados:

TABELA 6

Vogal da sílaba tônica – sem os itens sinhōra e simestre

Vogal da sílaba tônica	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Vogal alta	145/250	37	.85
Vogal média alta	17/505	3	.25
Nasal	51/440	11,5	.52
Vogal baixa	5/174	3	.22

Input: 0.095

Significance: 0.000

Com a segunda rodada dos dados, o Programa selecionou a variável vogal da sílaba tônica como mais favorável para o alçamento de /e/. A vogal alta na sílaba tônica foi altamente favorecedora para o alçamento de /e/, tendo peso relativo de .85. Exemplos: *aligria*,

filiz, mininu, pirigu, sintidu, siguru, rivista, vistidu, sirviçu, sigura. As demais vogais foram desfavorecedoras ao alçamento de /e/, tendo peso relativo entre .25 e .52. Ressaltamos que em nosso trabalho não houve uma análise separada entre os efeitos das vogais altas /i/ e /u/ no alçamento de /e/, e, sim, apenas do tipo de vogal na sílaba tônica.

Observamos que a vogal alta em sílaba tônica favorece ao alçamento de /e/. Alguns itens, por exemplo, *filiz, pirigu, rivista, mininu, Aparicida, bibida, siguru*, ocorreram via regra harmonia vocálica, em que a vogal média pretônica assimila o traço da vogal alta subsequente (hipótese neogramática). Por outro lado, esses mesmos itens apresentaram-se algumas vezes de forma não alçada e o item *parecido* (adjetivo), que possui mesmo contexto para a harmonia vocálica como o item *Aparicida* (substantivo próprio), também não alçou. Itens que apresentaram vogal alta na sílaba tônica, não alçaram nenhuma vez /e/, por exemplo, *legumi, verdura, Jesus, negrinha, negrinhu, neguinha, negrilho*.

4.1.1.2 Contexto fonológico seguinte: modo de articulação

O contexto fonológico seguinte modo de articulação da consoante foi o segundo fator mais favorável selecionado pelo Programa. A seguir, os números relativos a essa variável:

TABELA 7

Contexto fonológico seguinte: modo de articulação

Modo de articulação	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Contínuo	40/957	4	.30
Não contínuo	178/557	32	.81

Input: 0.095

Significance: 0.000

Diante das estatísticas supramencionadas, o contexto fonológico seguinte modo de articulação não contínuo foi favorecedor com peso relativo de .81. Os contextos fonológicos não contínuos foram os que mais ocorreram alçamento de /e/, por exemplo, nos itens *siguinti*; *sigunda*; *siguru*; *sigurança*; *mininu*; *piquena*; *sintidu*; *sinhor*; *siminarista*.

Na pesquisa de Bisol (1981), a consoante velar ostenta, na elevação de /e/, os índices mais altos com pesos relativos entre .7 e .8, tanto na fala popular como na culta. Sendo que as velares, /k/ /g/ são consoantes não contínuas, observamos, nos resultados de Bisol, que as consoantes não contínuas seguintes (velares) exerceram importante função para a elevação de /e/. Viegas (1987) apresentou em seu trabalho que as sonorantes /m/, /n/, /ɲ/ em contexto seguinte são altamente favorecedoras ao alçamento de /e/ com peso relativo de .7. Observa-se que, tanto nos dados de Bisol e quanto nos de Viegas, as consoantes seguintes não contínuas apresentaram-se favorecedoras ao alçamento de /e/, fato semelhante ao ocorrido com o falar Ituiutabano.

4.1.1.3 Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação

Essa foi a terceira variável selecionada pelo Programa *Goldvarb* como favorável para o alçamento de /e/:

TABELA 8

Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação

Ponto de articulação	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Coronal	165/1251	13	.51
Labial	5/144	3,5	.20
Dorsal	48/119	40	.82

Input: 0.130

Significance: 0.000

Nesta variável, detectamos que o contexto fonológico seguinte dorsal foi o mais favorecedor para o alçamento com peso relativo de .82. Exemplos: *piqueno*, *siguru*. Os pontos de articulação coronal e labial foram desfavorecedores ao alçamento de /e/ com pesos relativos de .51 e .20, respectivamente.

Sobre o alçamento de /e/ tanto no falar popular quanto no falar culto do Sul, os estudos de Bisol (1981) evidenciaram que a velar /k/ (dorsal), em contexto fonológico seguinte, é altamente favorecedora com pesos relativos entre .7 e .8. Em seguida, as consoantes palatais (coronais), não com muita expressividade, favoreceram o alçamento de /e/ no falar do Sul. Por último, as labiais foram desfavorecedoras para o alçamento com peso relativo abaixo de .5. Isto é, os resultados de Bisol, em comparação aos dados do falar urbano de Ituiutaba, são similares. Viegas (1987) observou que o contexto fonológico seguinte não foi favorável para sua pesquisa.

4.1.1.4 Vogal média pretônica na sílaba inicial

A variável Vogal média pretônica na sílaba inicial foi a quarta variável linguística selecionada pelo Programa *Goldvarb* como favorável para o alçamento de /e/ no falar Ituiutabano. A seguir, os resultados estatísticos sobre essa variável:

TABELA 9

Vogal precedente à vogal média pretônica

Tipo de vogal	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Vogal média pretônica na sílaba inicial	191/898	17,5	.60
Média alta	7/249	3	.16
Baixa	10/63	16	.57
Alta	10/106	9	.42

Input: 0.125

Significance: 0.000

Constatamos que, nessa variável, o alçamento ocorreu com mais frequência quando a vogal pretônica /e/ estava na primeira sílaba, isto é, a vogal /e/ em sílaba inicial foi favorecedora para o alçamento com peso relativo de .60. Exemplos: *piquenu, riligioso, filiz, rivista, senhor, mintira, miningiti, mitida, bibida, siminarista*. Em segundo lugar, a vogal baixa, apesar de o peso relativo estar próximo ao ponto neutro, foi levemente favorecedora ao alçamento de /e/ com peso relativo de .57. As vogais média alta e alta apresentaram-se desfavorecedoras ao alçamento de /e/, com pesos relativos abaixo do neutro: .16 e .42 respectivamente.

Tanto nos estudos de Bisol (1981) quanto nos de Viegas (1987), não foi analisada a influência de uma possível vogal precedente à vogal média pretônica para o alçamento da vogal pretônica /e/.

4.1.1.5 Contexto fonológico precedente: ponto de articulação

O contexto fonológico precedente ponto de articulação foi a quinta variável escolhida pelo Programa como favorável para o alçamento de /e/:

TABELA 10

Contexto fonológico precedente: ponto de articulação

Ponto de articulação	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Labial	143/837	17	.57
Coronal	61/524	12	.44
Dorsal	14/153	9	.40

Input: 0.141

Significance: 0.005

Verificamos que o ponto de articulação labial foi favorecedor ao alçamento com peso relativo de .57, próximo ao ponto neutro, como nos exemplos: *bibida*, *piquenu*, *mininu*, *apilidu*, *filiz*, *vistidu*. Os outros pontos de articulação foram desfavoráveis ao alçamento de /e/, com pesos relativos abaixo do ponto neutro .

Como já relatado, Bisol (1981) verificou que a velar /k/ (dorsal) foi altamente favorecedora para o alçamento de /e/ no falar do Sul, com pesos relativos entre .90 e .65. Esse fato diverge do falar Ituiutabano, pois os dados desta pesquisa mostraram que as labiais foram

favorecedoras ao alçamento de /e/ e as dorsais e coronais desfavorecedoras. Nas análises de Viegas (1987), a pesquisadora delimitou essa variável como consoante surda, consoante sonora e ausência de segmento. Observou que essa variável não foi favorável para o alçamento de /e/ com pesos relativos de .50, .54 e .46, respectivamente. O alçamento de /e/ no falar Ituiutabano, nesse contexto, não se aproxima nem dos estudos de Bisol nem dos de Viegas.

4.1.1.6 Distância da tônica

A distância da tônica foi a quinta variável selecionada pelo Programa como favorável para o alçamento de /e/. Na Tabela 11, os números referentes a essa variável:

TABELA 11

Distância da sílaba tônica

Distância da sílaba tônica	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
1	188/1195	16	.55
2	25/205	12	.47
3	5/109	4	.22

Input: 0.139

Significance: 0.001

A partir da Tabela 11, observamos que, independentemente de qual vogal esteja na sílaba tônica, quanto menor a distância da vogal tônica, maior o índice de alçamento da pretônica e, quanto maior a distância da tônica, menor o índice de alçamento de /e/, como, por exemplo, *mininu*, *sigunda*. Isto é, a distância 1 foi favorecedora ao alçamento de /e/ com peso

relativo próximo ao neutro de .55. As distâncias 2 e 3 foram desfavoráveis ao alçamento de /e/, pois ficaram com pesos relativos abaixo do neutro de .47 e .22, respectivamente.

4.1.3 Variáveis desfavorável para o alçamento de /e/

As variáveis desfavoráveis:

- extralinguísticas: faixa etária, sexo, grau de escolaridade;
- linguísticas: nasalidade, tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica e contexto fonológico precedente: modo de articulação.

Conforme as análises do Programa *Goldvarb*, constatamos que as variáveis extralinguísticas foram desfavoráveis nesta pesquisa, pois evidenciou-se que o alçamento de /e/ não foi estigmatizado entre os indivíduos, isto é, todos eles realizaram alçamento de /e/ sem restrições sócio-culturais, sexo e faixa etária. Apesar de essas variáveis extralinguísticas não terem sido favoráveis, apresentaremos os resultados referentes a elas:

TABELA 12

Faixa etária

Faixa etária	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
26 - 49	87/523	17	.54
15 - 25	55/540	10	.41
+ 50	76/451	17	.54

Input: 0.141

Significance: 0.003

Os resultados não foram favoráveis para esta pesquisa, porém, de acordo com os resultados percentuais e pesos relativos, podemos observar que os informantes mais velhos alçam /e/ mais que os jovens. Os dados estatísticos dos mais jovens é desfavorecedor, pois o peso relativo está abaixo do neutro. Os dados de Bisol (1981) sobre o falar culto mostram o mesmo fato, contudo, o peso relativo é entre .3 e .5 para os jovens e entre .5 e .6 para os mais velhos. Diferentemente, em Viegas (1987), os jovens favoreceram *ligeiramente*²² o alçamento de /e/ com porcentagem de 36% e peso relativo de .54, enquanto os adultos apresentaram 30% e peso relativo de .46. Ressaltamos, novamente, que esses resultados, tanto do Sul, de Belo Horizonte quanto de Ituiutaba, não foram significativos pela diferença estatística mínima.

Apresentaremos a seguir os resultados da variável extralingüística sexo:

TABELA 13

Sexo

Sexo	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Feminino	127/751	17	.54
Masculino	91/763	12	.45

Input: 0.142

Significance: 0.008

Como mostra a Tabela acima, as mulheres alçam *ligeiramente* mais que os homens, com peso relativo de .54, enquanto os homens encontram-se com índice abaixo do neutro.

Bisol (1981) observou também que as mulheres, apesar de os resultados serem pouco consistentes, estão mais abertas à inovação linguística do que os homens, tanto na fala popular

22 Termo utilizado por Viegas (1987) diante de diferenças estatísticas não significativas.

quanto na culta. O peso relativo dessa variável em seus estudos ficou entre .49 e .58 nas mulheres, e entre .42 e .51 nos homens. Viegas (1987) demonstrou em seus resultados que os homens alçam /e/ mais que as mulheres, todavia, esses resultados não são significativos pela diferença mínima entre os dois sexos: homens ficaram com peso relativo de .52 e mulheres com .48. Apesar dessa variável não ter sido selecionada pelo Programa, reconhecemos que o alçamento de /e/ no falar Ituiutabano, no que se refere ao sexo, aproxima-se mais do falar do Sul, isto é, as mulheres alçam /e/ mais que homens.

A escolaridade foi um fator desfavorável para o alçamento de /e/, conforme se demonstra a seguir:

TABELA 14

Grau de escolaridade

Escolaridade/ anos de estudo	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
+11	91/735	12	.46
0-11	127/779	16	.53

Input: 0.143

Significance: 0.033

Observamos que os menos escolarizados alçam *ligeiramente* mais que os mais escolarizados, com porcentagem de 12% e 16%, respectivamente. Bisol (1981) não delimitou essa variável para análise, mas houve a seleção dos informantes da fala culta com curso superior. Analisando-se o falar culto e o falar popular do Sul, os dados da pesquisa de Bisol (1981) não mostraram diferença significativa da fala popular (22%) com a fala culta (21%).

Porém, no falar popular realizam-se mais alçamentos de /e/ do que no falar culto. Viegas (1987) estratificou seus informantes da seguinte forma:

- habitantes característicos do Barreiro, isto é, operários, filhos ou esposas de operários com renda familiar mensal baixa (ou tinham ensino médio incompleto ou tinham ensino fundamental incompleto);
- habitantes da área do Colégio Batista, com renda maior, porém, não tinham grande prestígio na sociedade (todos tinham ensino médio completo, alguns com curso superior completo, outros com curso superior incompleto).

Viegas (1987) mostrou a escolaridade de cada informante, que ia da quarta série completa até o ensino superior, contudo, não faz uma análise separada entre escolaridade dos informantes e o alçamento. Observou que, em ambos os grupos sociais, o alçamento tem peso relativo neutro de .5. O grupo social mais baixo, em porcentagem, alçou /e/ levemente a mais do que o grupo social médio com 34% e 33%, respectivamente. Em linhas gerais, tanto os resultados de Bisol (1981) quanto os de Viegas (1987) apresentaram a escolaridade como fator não favorável ao alçamento, aproximando dos fatos observados no falar Ituiutabano o que aproxima os dados observados no falar Ituiutabano aos expostos nos estudos de Bisol e Viegas.

Outra variável que se mostrou desfavorável ao alçamento de /e/ foi a nasalidade dessa vogal:

TABELA 15

*Nasalidade**Nasalidade da vogal pretônica*

Nasalidade	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Oral	193/1370	14	.49
Nasal	25/144	17	.50

Input: 0.144

Significance: 0.299

A nasalidade não foi um fator expressivo no alçamento da vogal /e/ no falar Ituiutabano, com pesos relativos .49 e .50. Exemplos: *lembrança, senhor, atentadu, sentimentu, comentáriu, centavu*. Esse fato diverge dos estudos de Bisol (1981), pois, abordamos o /e/ nasalizado apenas em contexto CVN. Viegas (1987) não delimitou, em suas pesquisas, a descrição da nasalidade da vogal /e/.

Outra variável desfavorável para o alçamento de /e/ foi o tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica. Portanto, o ponto de articulação precedente foi desfavorável para o alçamento de /e/ no falar Ituiutabano:

TABELA 16

Tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica

Tipo de Sílaba	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Aberta	176/1161	15	.52
Fechada	42/353	12	.44

Input: 0.143

Significance: 0.127

Observamos que essa variável não foi favorável para o fenômeno pesquisado, pois a porcentagem e o peso relativo entre os dois tipos de sílabas apresentaram diferenças estatísticas mínimas. Apesar de Bisol (1981) abordar estrutura aberta e fechada em seus estudos sobre alçamento, não há análises estatísticas delimitadas especificamente para *uma variável Tipo de Sílaba em que ocorre a vogal média pretônica*. Viegas (1987) analisou a sílaba travada por fricativa foi favorável para o alçamento de /e/ no falar de Belo Horizonte com peso relativo de .77 enquanto a sílaba travada por nasal e a sílaba aberta ficaram abaixo do neutro, .4, desfavorecendo o alçamento de /e/ nesses ambientes fonológicos.

4.1.4 Conclusão sobre o alçamento de /e/ no falar Ituiutabano

Chegamos à conclusão de que o alçamento do /e/ pretônico no falar de Ituiutaba configura-se semelhantemente a alguns fatores presentes nos estudos de Bisol (1981) e nos estudos de Viegas (1987), como exposto anteriormente. Mostraremos, a seguir, os principais fatores estruturais para a realização alçada do /e/ no falar Ituiutabano:

- as vogais altas /i/ e /u/ na sílaba tônica foram altamente favorecedoras para o alçamento de /e/, como em *mininu*, *siguru*;

- as consoantes não contínuas em contexto seguinte são favorecedoras ao alçamento de /e/;
- as consoantes dorsais em contexto seguinte são favorecedoras ao alçamento de /e/;
- a vogal pretônica candidata ao alçamento em sílaba inicial favorece o alçamento de /e/;
- as consoantes labiais em contexto precedente favorecem o alçamento de /e/;
- quanto mais a vogal /e/ pretônica fosse próxima da sílaba tônica, mais favorecia o alçamento, como, por exemplo, em *vistidu versus vestibular*.

As variáveis extralinguísticas não foram favoráveis para o alçamento de /e/, todavia, mostraremos as seguintes observações sobre essas variáveis:

- os mais velhos alçam mais que os mais jovens;
- mulheres alçam mais que homens;
- menos escolarizados alçam mais que os mais escolarizados.

Fizemos, nas seções anteriores, uma comparação de algumas variáveis entre de nossa pesquisa com a de Bisol (1981) e a de Viegas (1987), no que tange ao alçamento de /e/. O alçamento de /e/ no falar Ituiutabano aproxima-se do alçamento de /e/ dos estudos de Bisol e Viegas. É importante ressaltar aspectos estruturais governaram o favorecimento do alçamento do /e/ pretônico Ituiutabano, por conseguinte, uma interpretação neogramática. Por exemplo, *Aparicida, bibida, mininu, sigurança, siguru, filiz, aligria, siguida, siminarista*. Ademais, no falar Ituiutabano, com alto peso relativo de .85, ocorreu o alçamento de /e/ via harmonia vocálica, como proposto por Bisol (1981). A partir desses fatos, observa-se que o falar do /e/ pretônico Ituiutabano está diante de aspectos neogramáticos.

Cabe ressaltar, que no falar do /e/ pretônico ituiutabano há uma despreocupação na pronúncia da vogal /e/ e de suas variações, não sabemos realmente se os indivíduos realizam alçamento de /e/ ou abaixamento de /i/.

A seguir, faremos exposição de análise e discussão dos dados referentes ao /o/ pretônico no falar Ituiutabano.

4.2 O alçamento da vogal média /o/

Apresentaremos, a seguir, as rodadas de *stepping up* e *stepping down* que permitiram ao Programa *Goldvarb* selecionar as variáveis que favoreceram ou desfavoraram o alçamento de /o/ no falar Ituiutabano. Assim sendo, as variáveis estatisticamente favoráveis para o Programa foram:

Variáveis linguísticas:

- a) tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica;
- b) vogal da sílaba tônica;
- c) vogal média pretônica na primeira sílaba;
- d) distância da tônica;
- e) contexto fonológico precedente: modo de articulação;
- f) contexto fonológico precedente: ponto de articulação;
- g) contexto fonológico seguinte: ponto de articulação.

As variáveis desfavoráveis foram:

Variáveis extralinguísticas:

- a) faixa etária;
- b) sexo;
- c) grau de escolaridade.

E linguísticas:

- a) contexto fonológico seguinte: modo de articulação;
- b) nasalidade.

4.2.1 Variáveis linguísticas favoráveis

Apresentaremos, nesta seção, as variáveis favoráveis selecionadas pelo Programa na ordem de importância.

4.2.1.1 Tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica da vogal /o/

A variável *Tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica /o/* foi selecionada pelo Programa como a variável mais favorável para o alçamento de /o/. Na Tabela 17 estão os resultados referentes a essa variável:

TABELA 17

Tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica

Tipo de sílaba	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Aberta	226/410	55	.78
Fechada	7/219	3	.01

Input: 0.259

Significance: 0.000

Constatamos, em relação a essa variável, um alto índice de alçamento de /o/ em sílaba aberta com peso relativo de .78, como, por exemplo, em *pulíticu, nuticiário, bunitu, governu, duminu, cozinha, buneca, pussível, sutaque, cumida, cuberta, cumeçu, muleque, Jusé, culherzinha, subrinhu*. Contrariamente, a sílaba fechada foi desfavorecedora para o alçamento de /o/ com peso relativo abaixo do neutro .10. Como já dito nas análises da vogal média pretônica /e/, não há análises estatísticas sobre a variável *Tipo de sílaba em que ocorre a*

vogal média pretônica nos estudos de Bisol (1981). Nos estudos de Viegas (1987), sílaba aberta CV foi favorecedora ao alçamento de /o/ com peso relativo de .7. A estrutura CVC (fechada), nos estudos desta pesquisadora, foi, também, altamente favorecedora para o alçamento de /o/ com peso relativo .83. Portanto, ambas as estruturas foram altamente favorecedoras ao alçamento de /o/. Nas análises do alçamento de /e/, essa variável foi desfavorável para o alçamento.

4.2.1.2 Vogal da sílaba tônica

A variável *Vogal da sílaba tônica* foi a segunda mais favorável selecionada pelo Programa *Goldvarb*. A seguir, os números relativos a essa variável:

TABELA 18

Vogal da sílaba tônica

Vogal da sílaba tônica	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Vogal alta	131/206	64	.77
Vogal média baixa	37/59	63	.76
Nasal	42/201	21	.33
Vogal baixa	16/103	15	.26
Média alta	7/60	12	.20

Input: 0.340

Significance: 0.000

Diante das estatísticas supramencionadas, tanto a vogal alta quanto a vogal média baixa na sílaba tônica foram altamente favorecedoras ao alçamento, com pesos relativos de

.77 e .76, respectivamente, como nos exemplos: *cumida*, *bunitu*, *pulícia*, *nutícia*, *governu*, *buneca*, *butecu*, *cumérciu*, *custela* etc. As vogais médias, as nasais e a vogal baixa em sílaba tônica foram desfavorecedoras para o alçamento de /o/ com pesos relativos abaixo do neutro.

Alguns itens alçaram via harmonia vocálica, por exemplo, *bunitu*, *cumida*, *cuzinha*, *nutícia*, *pulícia*, *nuticiário*, fato semelhante aos estudos de Bisol (1981). Nos dados relativos ao alçamento de /e/, nesta pesquisa, essa variável foi altamente favorecedora para o alçamento de /e/, sendo a vogal alta na sílaba tônica a mais favorecedora, com peso relativo de .85.

Nesse sentido, o alçamento de /o/ no falar Ituiutabano configura-se também mais por aspectos neogramáticos.

4.2.1.3 Vogal precedente à vogal pretônica

A vogal precedente à vogal pretônica foi a Terceira variável selecionada como favorável pelo Programa, como se observa a seguir:

TABELA 19

Vogal média pretônica na sílaba inicial

Vogal da sílaba precedente	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Sílaba inicial	213/528	40	.56
Vogal baixa	6/35	17	.30
Nasal	4/42	9,5	.16
Vogal alta	2/15	13	.22

Input: 0.359

Significance: 0.000

A partir da Tabela 19, observamos que a vogal pretônica candidata ao alçamento em sílaba inicial é levemente favorecedora para o alçamento de /o/ com pesos relativos de .56, como nos exemplos: *nuticiário*, *cumidinha*, *cuzinha*, *muleca*. As vogais baixa, nasal e alta foram desfavorecedoras, com pesos relativos abaixo do neutro.

Como já mencionado nas análises do alçamento de /e/, tanto nos estudos de Bisol (1981) quanto nos de Viegas (1987), se delimitou a influência de uma possível vogal precedente que poderia influenciar o alçamento da vogal pretônica de /o/.

Constatamos que, nesta variável, o alçamento de /e/ ocorreu também com mais frequência sem a presença de qualquer vogal antes da vogal média pretônica, isto é, a vogal /e/ na sílaba inicial foi favorecedora para o alçamento com peso relativo de .60.

4.2.1.4 Distância da sílaba tônica

Essa foi a quarta variável linguística selecionada pelo Programa como favorável para o alçamento de /o/ no falar Ituiutabano. A seguir, os resultados estatísticos sobre essa variável:

TABELA 20

Distância da sílaba tônica

Distância da sílaba tônica	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
1	207/428	48	.64
2	24/177	14	.23
3	2/24	8	.10

Input: 0.341

Significance: 0.000

Constatamos que, nesta variável, o alçamento ocorreu com mais frequência na distância mais próxima à sílaba tônica com peso relativo de .64. As distâncias 2 e 3 foram desfavorecedoras ao alçamento com pesos relativos abaixo do neutro. Nas análises do alçamento de /e/, esse fenômeno fonológico foi mais realizado quando a distância da vogal tônica era mais próxima da vogal pretônica.

4.2.1.5 Contexto fonológico precedente: modo de articulação

O contexto fonológico precedente foi a quinta variável selecionada pelo Programa *Goldvarb* como favorável para o alçamento de /o/:

TABELA 21

Contexto fonológico precedente: modo de articulação

Modo de articulação	Números de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Não contínuo	219/536	41	.56
Contínuo	14/93	15	.24

Input: 0.361

Significance: 0.000

Nesta variável, detectamos que o modo de articulação não contínuo em contexto precedente foi levemente favorecedor ao alçamento com peso relativo de .56, como por exemplos nos itens: *buneca*, *pulíticu*, *cumida*, *gubernu*, *tumati*, *bulacha*, *nutícia*, *butecu*, *dumingu*, *impussível* etc. O modo contínuo foi desfavorecedor com peso relativo abaixo do neutro.

Nos estudos de Bisol (1981), as labiais e as velares figuraram favorecedoras ao alçamento de /o/, principalmente as labiais com pesos relativos entre .56 e .77. Isso significa que a maioria das consoantes não contínuas foram favorecedoras ao alçamento de /o/ no falar do Sul, tanto na fala culta quanto na fala popular, fato que se aproxima ao do falar Ituiutabano. Em Viegas (1987), o modo de articulação precedente favorecedor ao alçamento de /o/ foram as obstruintes com peso relativo de .78, isto é, as obstruintes delimitadas por Viegas (1987) são não contínuas. O alçamento de /o/ no falar de Ituiutaba também aproximase do falar belo horizontino no que tange a essa variável linguística. No alçamento de /e/, essa variável foi considerada como desfavorável pelo Programa.

4.2.1.6 Contexto fonológico precedente: ponto de articulação

Essa foi a Sexta variável linguística apontada como favorável, segundo o Programa *Goldvarb*:

TABELA 22

Contexto fonológico precedente: ponto de articulação

Ponto de articulação	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Dorsal	49/248	20	.31
Labial	127/247	51	.66
Coronal	57/134	42,5	.57

Input: 0.356

Significance: 0.000

Para o alçamento de /o/, o ponto de articulação labial foi favorecedor com peso relativo de .66, como se observa nos exemplos *muleque*, *buneca*, *pulíticu*. Em seguida, o ponto coronal foi levemente favorecedor ao alçamento de /o/ com peso relativo de .57. As dorsais não foram favorecedoras ao alçamento de /o/ com peso relativo abaixo do neutro: .31.

Nos estudos de Bisol (1981), as labiais foram altamente favorecedoras com pesos relativos entre .56 e .77, tanto na fala popular quanto na culta. Já em Viegas (1987), as alveolares foram levemente favorecedoras ao alçamento de /o/ com peso relativo de .55.

Em relação ao contexto precedente, o falar Ituiutabano aproxima-se dos estudos de Bisol e Viegas, pois o contexto precedente mais favorável para o alçamento de /o/ nesta

região foi o ponto labial – fato semelhante a Bisol – e, em seguida, o ponto coronal (alveolares) – fato semelhante aos estudos de Viegas .

Verificamos que o ponto de articulação labial foi favorecedor também ao alçamento de /e/ com peso relativo de .57.

4.2.1.7 Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação

Essa foi a Sétima e última variável linguística escolhida pelo Programa como favorável para o alçamento de /o/:

TABELA 23

Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação

Ponto de Articulação	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Labial	74/177	42	.55
Coronal	156/422	37	.50
Dorsal	3/30	10	.16

Input: 0.365

Significance: 0.002

Observamos que, nesta variável, o ponto de articulação labial foi levemente favorecedor ao alçamento de /o/ com peso relativo de .55, como se observa nos exemplos, *cumida, dumingu, guvernu, cuberta, tumati, subrinhu, cumadre*. O ponto de articulação coronal foi desfavorecedor para o alçamento de /o/ com peso relativo no nível neutro .50,

assim como o ponto dorsal foi altamente desfavorecedor ao alçamento de /o/ com peso relativo abaixo do neutro: .16.

Em Bisol (1981), as consoantes seguintes favorecedoras para o alçamento de /o/ são as palatais (coronais) e as labiais, sendo as palatais *ligeiramente* mais favorecedoras ao alçamento de /o/ do que as labiais. Os pesos relativos das palatais foram de .58 a .73 e das labiais foram de .53 a .68. Em Viegas (1987), as palatais em contexto seguinte foram altamente favorecedoras com peso relativo de .71; em seguida, ficaram as labiais e as velares, porém, com pesos relativos abaixo do neutro: .45. Os resultados do falar Ituiutabano aproximam-se mais dos resultados de Bisol, devido ao fato de as labiais, em seus estudos, também serem favorecedoras ao alçamento de /o/. Nas análises da vogal pretônica /e/, as consoantes dorsais foram altamente favorecedoras para o alçamento de /e/ com peso relativo de .82.

4.2.2 Variáveis desfavoráveis para o alçamento de /o/

As variáveis desfavoráveis:

- extralinguísticas: faixa etária, sexo e grau de escolaridade;
- linguísticas: contexto fonológico seguinte modo de articulação e nasalidade.

De acordo com as análises do Programa *Goldvarb*, constatamos que as variáveis extralinguísticas foram desfavoráveis também para o alçamento de /o/ nesta pesquisa, pois evidenciou-se que o alçamento de /o/ não foi estigmatizado entre os indivíduos, isto é, a maioria deles realizou alçamento de /o/ sem restrições sócio-culturais, de sexo e de faixa etária. Todavia, apesar de não terem sido favoráveis, apresentaremos os resultados referentes às variáveis extralinguísticas:

TABELA 24

Faixa etária

Faixa etária	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
26 - 49	65/230	28	.49
15 - 25	75/249	30	.47
+ 50	93/250	37	.53

Input: 0.370

Significance: 0.467

Os resultados não foram significativos para a pesquisa, entretanto, de acordo com os resultados percentuais e pesos relativos, podemos observar que os mais velhos alçam /o/ mais que os jovens. Os dados de Bisol (1981) sobre o falar culto mostram o mesmo fato, contudo, o peso relativo é entre .40 e .53 para os jovens e entre .50 e .57 para os mais velhos. Em Viegas (1987), tanto os jovens como os adultos alçam /o/ em uma mesma proporção, sendo que ambos ambas as faixas etárias apresentam peso relativo neutro, .50.

A seguir, apresentamos outra variável extralinguística desfavorável para o alçamento de /o/:

TABELA 25

Sexo

Sexo	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Feminino	130/363	36	.51
Masculino	103/366	28	.49

Input: 0.370

Significance: 0.473

Os resultados não foram significativos para esta pesquisa, todavia, de acordo com os resultados percentuais e pesos relativos, podemos observar que as mulheres alçam mais /o/ do que os homens. Os dados de Bisol (1981), apesar de não serem expressivos, mostram que as mulheres estão mais abertas à inovação linguística do que os homens, tanto na fala popular quanto na culta (peso relativo: mulheres entre .47 e .54; homens entre .47 e .53). Em contrapartida, os dados de Viegas (1987) revelam que os homens alçam mais que as mulheres, embora a diferença estatística seja mínima em ambos os sexos (peso relativo: entre mulheres .47; entre homens .53).

Apresentaremos abaixo os resultados da variável extralinguística faixa etária grau de escolaridade:

TABELA 26

Grau de escolaridade

Escolaridade / anos de estudo	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
0-11	126/357	35	.53
+11	107/265	30	.48

Input: 0.370

Significance: 0.182

Observamos que os menos escolarizados alçam *ligeiramente* mais que os mais escolarizados com pesos relativos de .53 e .48, respectivamente. Como mencionado nas análises do alçamento de /e/, Bisol (1981) não delimitou essa variável para análise, mas houve a seleção dos informantes da fala culta com curso superior. Comparando-se o falar culto com o falar popular do Sul, os dados mostraram uma diferença significativa da fala popular (32%) com a fala culta (22%). Os indivíduos da fala popular alçam mais /o/ do que os indivíduos da fala culta.

Viegas (1987) estratificou seus informantes, como já relatado nas análises de /e/, em classe social associada à escolaridade, apesar de não fazer análise separada dos informantes com o nível de escolaridade. Essa pesquisadora observou que o grupo social baixo alça mais /o/ que o grupo social médio, com pesos relativos de .57 e .43, respectivamente. Em linhas gerais, tanto os resultados de Bisol quanto os de Viegas apresentaram a escolaridade como fator não favorável ao alçamento de /o/, aproximando esses resultados dos fatos observados no falar Ituiutabano.

Apresentaremos as variáveis linguísticas desfavoráveis para o alçamento de /o/ nas tabelas a seguir:

TABELA 27

Contexto fonológico seguinte: modo de articulação

Modo de articulação	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Não Contínuo	156/436	37	.50
Contínuo	77/193	40	.53

Input: 0.365

Significance: 0.002

Nessa variável, constatamos que o modo de articulação não foi favorável para o alçamento de /o/, pois visto que os pesos relativos estão no nível do ponto neutro. Bisol (1981) mostrou que as palatais (sendo a maioria não contínuas) foi altamente favorecedoras para o alçamento de /o/ com pesos relativos entre .58 e .73. Da mesma forma, as labiais, tanto contínuas como não contínuas, foram também favorecedoras para o alçamento de /o/ com pesos relativos entre .53 e .68, tanto no falar popular quanto no culto. Viegas (1987) mostrou em seus estudos que as obstruintes (não contínuas), em contexto seguinte, são altamente favorecedoras ao alçamento com peso relativo .7.

Outra variável linguística não favorável para o alçamento de /o/ foi a nasalidade. Na tabela 28, a seguir, os dados estatísticos referentes a essa variável:

TABELA 28

Nasalidade

Nasalidade	Número de ocorrências com alçamento	%	Peso relativo
Oral	229/475	48	.70
Nasal	4/154	3	.07

Input: 0.281

Significance: 0.000

Apesar de o peso relativo estar no nível de significância de 100% de certeza dos dados obtidos, o Programa selecionou como desfavorável a variável nasalidade. De acordo com os dados estatísticos, a nasalidade foi altamente desfavorecedora para o alçamento de /o/ com peso relativo de .070. Em contrapartida, a vogal média pretônica oral /o/ foi altamente favorecedora ao alçamento, como nos exemplos: *cumida*, *buteco*, *impussível*, *gasulina*, *tumate*, *muleque*. Semelhantemente, os dados de Bisol (1981) apresentaram que a vogal pretônica oral /o/ é mais propensa a alçar do que a vogal /o/ nasalizada. O peso relativo da vogal oral fica entre .55 e .71, enquanto a nasal fica abaixo do nível neutro (.29 a .45), tanto na fala popular quanto na culta. Viegas (1987) não analisou o fator nasalidade no alçamento de /o/.

4.2.3 Conclusão sobre o alçamento de /o/ no falar Ituiutabano

Em relação ao alçamento de /o/, concluímos que há semelhança entre os estudos de Bisol (1981) e de Viegas (1987) com os estudos do falar Ituiutabano, como foi exposto anteriormente. Mostraremos, a seguir, os principais fatores para a realização alçada do /o/ no falar de Ituiutaba:

- a vogal pretônica em sílaba aberta é favorecedora ao alçamento;
- as vogais média baixa e alta são altamente favorecedoras para o alçamento de /o/;
- a vogal média pretônica /o/ em sílaba inicial é favorecedora ao alçamento;
- quanto mais próxima a vogal pretônica /o/ da vogal tônica mais favorece o alçamento;
- as consoantes não contínuas em contexto precedente são favorecedoras ao alçamento;
- os pontos labial e coronal em contexto precedente são favorecedores o ao alçamento de /o/.

As variáveis extralinguísticas também não foram favoráveis para o alçamento de /o/, todavia, mostraremos as seguintes observações sobre essas variáveis:

- mulheres alçam levemente mais do que homens;
- os mais velhos alçam levemente mais do que os jovens;
- menos escolarizados alçam levemente mais do que os mais escolarizados.

Nas seções anteriores, apresentamos algumas comparações entre nossa pesquisa com a de Bisol (1981) e Viegas (1987), no que tange ao alçamento de /o/. Concluímos que o alçamento de /o/ no falar Ituiutabano aproxima-se mais dos estudos de Bisol do que dos de Viegas. Todavia, ressaltamos que nem todos os contextos propensos à aplicação de regras realizaram-se. Em contextos favoráveis à aplicação da harmonia vocálica, houve variação na aplicação e não aplicação das regras. Todavia, a forma alçada de /o/ ocorreu com mais frequência do que a forma não alçada.

Como apresentado no alçamento de /e/, o alçamento de /o/ no falar Ituiutabano configuram-se por aspectos neogramáticos.

5 Conclusão e Considerações Finais

Nesta dissertação, demonstramos como se configura o alçamento das vogais médias pretônicas, em nomes, na cidade de Ituiutaba, Minas Gerais, em comparação com os estudos clássicos de Bisol (1981) e Viegas (1987). A descrição do alçamento das vogais /e/ e /o/ no falar Ituiutabano trouxe-nos algumas respostas, bem como mostrou-nos a complexidade do fenômeno estudado. O sistema vocálico ituiutabano configura-se essencialmente por cinco vogais como variação, sendo e ~ i em 14% e o ~ u em 37%:

altas	/u/		/i/
médias	/o/		/e/
baixas		/a/	
	Posteriores	Central	Anteriores

A seguir, uma síntese das variáveis favorecedoras ao alçamento das vogais médias pretônicas de acordo com a ordem de importância selecionada pelo Programa GoldVarb:

Alçamento de /e/	Alçamento de /o/
Tipo de vogal da sílaba tônica	O alçamento ocorreu mais em sílabas abertas
Contexto fonológico seguinte: modo de articulação – consoantes não contínuas	Vogal média baixa em sílaba tônica Vogal alta em sílaba tônica
Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação –dorsal	Vogal pretônica candidata ao alçamento na sílaba inicial
Vogal pretônica candidata ao alçamento na sílaba inicial	Distância 1 da sílaba tônica
Contexto fonológico precedente: ponto de articulação –labial	Contexto fonológico precedente: modo de articulação – consoantes não contínuas
Distância 1 da sílaba tônica	Contexto fonológico precedente: ponto de articulação – labial e coronal
	Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação – labial

QUADRO 7 – Variáveis linguísticas favorecedoras ao alçamento de /e/ e de /o/

As variáveis extralinguísticas não foram favorecedoras ao alçamento das vogais médias pretônicas, todavia, mostraremos os resultados e comparar essas variáveis:

Alçamento de /e/	Alçamento de /o/
Os mais velhos alçam mais do que os jovens	Os mais velhos alçam levemente mais do que os jovens
Mulheres alçam mais do que homens	Mulheres alçam mais do que homens
Menos escolarizados alçam levemente mais do que os mais escolarizados	Menos escolarizados alçam levemente mais do que os mais escolarizados

QUADRO 8 – Variáveis extralinguísticas

Em resposta às perguntas que nortearam essa pesquisa, podemos dizer que o alçamento de /e/ e de /o/ ocorre em estrutura CV, CVC e CVN, em nomes no falar Ituiutabano. A vogal média pretônica /o/ sofre mais alçamento do que a vogal /e/. Porém, essa realização parece ser despreocupada nos indivíduos, visto que estes, ora alçam ora não alçam, independentemente do assunto que estão estejam abordando.

O alçamento, tanto de /e/ como de /o/, ocorre com mais frequência por fatores linguísticos do que extralinguísticos. No que se refere aos fatores linguísticos, esse fenômeno ocorre por harmonia vocálica, tanto na vogal /e/ quanto na vogal /o/; a nasalidade não favorece o alçamento das vogais médias pretônicas; quanto mais próxima a pretônica estiver da tônica, mais propensa está ao alçamento; as labiais em contexto fonológico precedente favorecem o alçamento de /o/ e de /e/. Os fatores extralinguísticos, entre faixa etária, grau e escolaridade e sexo, não favoreceram o alçamento de /e/ nem de /o/.

A pesquisa contribuiu de maneira importante para a documentação, constituindo, parcialmente, um banco de dados relativo ao dialeto envolvido, tendo em vista a descrição sobre esse dialeto. Por outro lado, será realizada uma experiência de colaboração entre diferentes pesquisadores que, porventura, venham a se debruçar sobre o mesmo objeto e enfoque.

Esperamos que a realização deste trabalho contribua no mundo da cultura, especialmente na parcela pertinente aos estudos linguísticos. Aspiramos, ainda, a que se constitua como considerável contribuição acadêmica ao Pontal do Triângulo Mineiro e outras regiões, inserindo a região do Pontal na rota daqueles que almejam o saber e que dele possam utilmente se servir.

Referências

ALMEIDA, L. de. **A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis**. 2008. 283f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

BISOL, L. **Harmonia vocálica**: uma regra variável. 1981. 352f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística e Filologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

_____. A neutralização das átonas. **D.EL.T.A.** São Paulo, v. 19, n. ??, p. 267-276, 2003.

_____. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 296 p.

_____. O alçamento da vogal pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L; COLLISCHONN, G. (orgs.). **Português no Sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. 185 p.

BORTONI, S. M.; GOMES, C. A.; MALVAR, E. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou difusão lexical? **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 1, p. 9-30, jul./dez. 1992.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. 124 p.

CAMPBELL, I. L. The history of Linguistics. In: ARONOF, M.; REES-MILLER, J. **The handbook of linguistics**. USA: Blackwell Publishing, 2002.

DIAS, M. R. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco**. 2008. 296 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004. 609 p.

FERREIRA, A. E. C. S. 2007. 209f. **Da centralidade da infância na modernidade e sua escolarização: a Escola Estadual João Pinheiro – Ituiutaba (MG)**. Dissertação (Mestrado

em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

FREITAS, S. N. **As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança**. 2001. 157f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

GRAEBIN, G. S. **A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas**. 2008. 243f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GOMES, H. T. A colônia sírio-libanesa em Ituiutaba. In: BARRETO, A. et al. **Revista Acaica**, Belo Horizonte, 1953.

HENRIQUES, I. A importância da sílaba: uma reflexão fonológica. *eLingUp*, Porto, v.1, n. 1, p. 37-59, 2009. Disponível em: <http://cl.up.pt/elingup/vol1n1/article/article_3.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2010.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. 392 p. Tradução de *Sociolinguistic Patterns*.

_____. **Principles of linguistics change: cognitive and cultural factors**. 3. ed. United Kingdom: Wiley Blackwell, 2010. 449 p.

LEE, S.-H. Sobre as vogais pré-tônicas no português brasileiro. **Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, n. 35, p. 166-175, 2006.

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre, 2005. p. 11-74.

MELO, G. C. de. A língua do Brasil. Rio de Janeiro: Agir, 1946. In: Bisol, L. **Harmonia vocálica: uma regra variável**. 1981. 230f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística e Filologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 135-145.

MOTA, J. A. **Vogais antes do acento em Ribeirópolis-SE**. 1979. 287 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1979.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953. p. 226.

OLIVEIRA, M. A. Aspectos da difusão lexical. **Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte. v. 1, p. 31-41, jul/dez. 1992.

_____. A controvérsia neogramática reconsiderada. In: ALBANO, E.; COUDRY, M. I. H.; POSSENTI, S.; ALKMIM, T. (orgs.). **Saudades da Língua**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 605-620.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2007. p. 135-145.

PETRAGLIA, J. Colônia italiana em Ituiutaba. In: BARRETO, A. et al. **Revista Acaiaca**, Belo Horizonte, 1953.

SILVA, D. M. da. **Origem e desenvolvimento das idéias lingüísticas de William Labov**. 2009. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüísticas). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

SILVA, G. M. de O. E. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2007. p. 117-134.

SILVA, A. M. et al. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos**: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. 5. ed. revisada. Uberlândia: EDUFU, 2005. 136 p.

SILVEIRA, A. A. M. da. **As vogais médias pretônicas na fala culta do Noroeste Paulista**. 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Campus São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2008.

VIANA, V. F. **As vogais médias pretônicas em Pará de Minas**: um caso de variação lingüística. 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

VIEGAS, M. do C. **O alçamento de vogais médias pretônicas**: uma abordagem sociolingüística. 1987. 222 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

_____. **O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais**. 2001. 256f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

_____. Por que falamos desse jeitim? In: RAMOS, J. *BH-110 anos*, no prelo. In: DIAS, M. R. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco**. 2008. 296f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

Apêndices

APÊNDICE A – Ficha Social

FICHA SOCIAL
INFORMANTE X – () MASCULINO () FEMININO
BAIRRO:
IDADE:
ESCOLARIDADE:
CIDADE EM QUE SEU PAI NASCEU:
CIDADE EM QUE SUA MÃE NASCEU:
FREQUENTA BARES: () SIM () NÃO
COSTUMA FREQUENTAR CLUBES AQUÁTICOS: () SIM () NÃO
MINUTOS DE ENTREVISTA:
DATA DA ENTREVISTA:

APÊNDICE B – Questionário para entrevista livre

I - TEMA: infância

- a) Onde você foi criado? Como foi sua criação?
- b) Como foi sua infância?
- c) Do que gostava de brincar quando criança?
- d) Quem era seu melhor amigo(a) na infância? Conte como era a amizade entre vocês.
- e) Conte alguma história (engraçada, emocionante) envolvendo você e seu(s) melhor(es) amigo(s) da infância.
- f) Ainda tem amizade com ele(a)?
- g) Tem saudades de sua infância? Por quê?
- h) Quais são as duas melhores lembranças da infância?
- i) Você tinha algum medo quando criança? Qual era esse medo? Por quê?

II - TEMA: família

- a) Como era o seu relacionamento com a família quando criança?
- b) E agora, como é esse relacionamento? Comente.
- c) O que é família para você? Comente.

III - TEMA: religião

- a) Você segue alguma religião? Qual?
- b) O que caracteriza sua religião?
- c) Por que você segue essa religião?
- d) Já passou por alguma experiência espiritual (milagres, visões, algo sobrenatural)? Conte como foi essa experiência.
- e) Alguém próximo a você já teve experiência espiritual? Conte como foi.
- f) O que significa Deus para você?
- g) Você acha que as pessoas, hoje em dia, estão mais ou menos religiosas? Por quê?

IV - TEMA: leitura

- a) Você gosta de ler? O que gosta de ler? Revista, *gibis*, jornais, romances etc.? Por quê?
- b) Qual livro o marcou na infância? Por quê?
- c) Qual(is) livro(s) que você mais gostou de ler até hoje? Por quê?
- d) Que gêneros de livro costumam chamar sua atenção? Por quê? Comente. Dê exemplos.

V - TEMA: internet

- a) Você tem acesso à internet? Faz parte de algum ~~de~~ *site* de relacionamento (*Orkut*, *Hi5*, *Twitter*, *Sonico* etc.)? Por quê? Comente.
- b) Tem *blog*? O que contém o seu *blog*? Por que gosta desse assunto? Seu *blog* é muito visitado?
- c) Para você, por que ter acesso à internet é importante? Comente.
- d) Gosta de jogar pela internet? Qual é o seu jogo favorito? Como é esse jogo? Comente.

VI - TEMA: alimentação e forma física

- a) Qual(is) é(são) seu(s) prato(s) predileto(s)? Por quê?
- b) Gosta de cozinhar? O quê? Como é feito esse prato?
- c) O que é alimentação saudável para você? Segue alguma dieta para manter a saúde?
- d) Pratica algum esporte? Qual?
- e) O que você acha das pessoas que fazem de tudo para manterem-se magras, inclusive comprometendo seus hábitos alimentares?

VII - TEMA: casamento

- a) Como conheceu seu (sua) esposo(a)? Comente.
- b) Como foi seu namoro até a chegada do seu casamento?
- c) Como foi seu casamento? Teve festa? Onde foi? O que foi marcante no momento do seu casamento? Conte os fatos mais importantes.

VIII - TEMA: município

- a) Como é seu município?
- b) Quais são as principais festas que acontecem em Ituiutaba?
- c) Por que essas festas são importantes? Comente.
- d) Como você vê a administração da sua cidade atualmente?
- e) Conhece alguma lenda ituiutabana? Conte-a.
- f) Gosta de morar aqui? Por quê? Mudaria daqui, por quê?

IX - TEMA: trabalho

- a) Você se considera profissionalmente realizado(a)? Por quê?
- b) Você já teve algum(s) problema(s) com colegas de trabalho? Comente.
- c) Se você pudesse escolher em que trabalhar e como trabalhar, o que escolheria e como trabalharia? Por quê?

X - TEMA: sentimentos

- a) O que te deixa assustado, com medo? Por quê?
- b) O que te deixa enciumado? Por quê?
- c) O que te deixa muito feliz? Conte um exemplo.

XI - TEMA: televisão

- a) O que gosta de assistir na televisão? Filmes, novelas, filmes, *reality shows*, jogos, documentários, entrevistas, programas de auditório etc.?
- b) Você acha que a televisão educa, não educa ou deseduca? Por quê?

XII - TEMA: futebol

- a) Torce por algum time de futebol? Qual?

b) Há quanto tempo torce por esse time? Gosta de assistir jogos da seleção brasileira? Onde? Em sua casa, em um bar etc.?

c) E sobre o time “Boa”, de Ituiutaba, é um bom time de futebol? Por quê? Já foi em algum jogo desse time?

XIII - TEMA: violência

a) Há muitos assaltos em Ituiutaba? De que tipo? Como os ladrões agem?

b) Na sua opinião, o que deveria ser feito para diminuir a violência em Ituiutaba?

c) Você considera o Brasil como um dos países mais violentos do mundo? Por quê?

d) Quais os tipos de violências mais frequentes em nosso país (sequestros, extermínios, violência doméstica)?

e) Por que, em sua opinião, acontecem esses tipos de violência em nosso país?

XIV - TEMA: aborto

a) O que você acha sobre o aborto? Deveria ser legalizado em nosso país? Por quê?

b) Qual é sua opinião sobre as pessoas que praticaram aborto? Por quê?

XV - TEMA: preconceito

a) O que é preconceito para você?

b) Você acha que a mulher, atualmente, ainda sofre algum tipo de preconceito? Qual(is)?

c) Como os ituiutabanos veem os alagoanos aqui em Ituiutaba? O que você acha da pensa sobre a vinda de alagoanos e os outros nordestinos para cá?

d) Atualmente, como as pessoas consideram os homossexuais? Você acha que o casamento entre eles deveria ser legalizado no Brasil? Por quê?

d) Casal gay deve adotar filhos? Por quê?